



Cadernos de Teatro

161

cadernos de teatro é uma edição do teatro tablado

- No meio do caminho:** Bernardo Jablonski
- Teatro e violência:** Dina Moscovici
- A tragédia de Althusser:** Wilson de Lyra Chebabi
- A voz do ator:** Rose Gonçalves
- O altar do incenso:** Wilson Saião

Cadernos de Teatro nº 161

abril, maio e junho de 2000

Conselho Editorial

Maria Clara Machado, Candida Rocha Diaz Bordenave, João Bethencourt,
Jorge Leão Teixeira, Ronald Fucs, Domingos Oliveira, Geraldo Carneiro

Redação e Pesquisa d'O Tablado

Diretor Responsável

João Sérgio Marinho Nunes

Diretor-Executivo

Maria Clara Machado

Diretor-Tesoureiro

Eddy Rezende Nunes

Conselho Executivo

Bernardo Jablonski, Guida Vianna,
Ricardo Kosovski, Dina Moscovici, Lionel Fischer

Projeto Gráfico

eg.design/Evelyn Grumach e Ricardo Hippert

Editoração

eg.design/Marcela Perroni

Secretárias

Silvia Fucs e Vania V. Borges

Redação

O TABLADO

Av Lineu de Paula Machado, 795
Rio de Janeiro – 22470-040 – Brasil

*Os textos publicados nos CADERNOS DE TEATRO
só poderão ser representados mediante autorização
da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT)
Av. Almirante Barroso, 97, Rio de Janeiro*



Esses computadores...

Inicialmente, um pedido de desculpas: por questões técnicas, este exemplar está chegando com um pequeno atraso, que esperamos que seja perdoado – acreditamos que você também já passou por inacreditáveis dissabores com estas caprichosas máquinas chamadas *computadores*, que detêm mistérios que ultrapassam em muito nossa vã filosofia...

Isto posto, vamos ao que interessa. Nesta edição, um cardápio bem variado, com alguns temperos eruditos. Estes ficam por conta dos excelentes artigos *Teatro e violência* e *A tragédia de Althusser*, escritos, respectivamente, por Dina Moscovici e Wilson de Lyra Chebabi.

Num clima mais ameno e, como de hábito, repleto de perspicácia e humor, temos *No meio do caminho*, um balanço do primeiro semestre da temporada teatral no Rio, a cargo de nosso editor-chefe, Bernardo Jablonski.

Constam também desta edição: um pertinente artigo sobre voz - *A voz do ator*, escrito pela fonoaudióloga e professora Rose Gonçalves -; a segunda rodada do recém criado *Múltipla Escolha* - ao qual se segue o gabarito do nº 160 -; um maravilhoso Texto para Estudo, extraído de *O mambembe*, de Arthur Azevedo -; um pouco da trajetória artística de gênios como Eurípedes e Ésquilo na coluna *Personalidades*; e finalmente *O altar do incenso*, uma das melhores peças do talentoso Wilson Sayão, encenada este ano no Rio, com Marília Pêra e Gracindo Junior, direção de Moacir Chaves.

Tenham todos um maravilhoso nº 161!

Lionel Fischer

EDITORIAL

No meio do caminho 3

Teatro e violência 8

A voz do ator 11

Personalidades 14

A tragédia de Althusser 16

Texto para estudo 21

Múltipla Escolha 22

Gabarito nº 160 24

O altar do incenso 26

Textos à disposição 42

ÍNDICE

No meio do caminho...

Quando fazíamos uma análise da temporada carioca do ano passado, aqui mesmo nos Cadernos de Teatro, apontávamos para o curioso fato de ter havido - em comparação com o ano anterior - um aumento no número de peças encenadas. Sinal de que as coisas estavam melhores? Não. Na verdade, ocorria que mais espetáculos entravam em cartaz ficando cada vez menos tempo em cartaz, devido à falta de público. Neste sentido, parece que as coisas só pioraram: terminaremos o primeiro semestre contabilizando a bagatela de quase 80 espetáculos! A maioria não conseguindo se manter o tempo necessário para tentar recuperar, senão os gastos de montagem, ao menos parte da energia e tempo empregados.

Bernardo Jablonski

Não chegam a pouco mais de uma dezena aqueles trabalhos que mereceram a acolhida do público e se transformaram em sucesso, aí incluídos alguns herdados da temporada passada. Há, na verdade, um visível descompasso entre a fome dos artistas se exibirem e a vontade do público de saciar esta fome.

Televisão, pouco dinheiro, falta de segurança nas ruas, dificuldades de acesso aos teatros, facilidade de acesso ao mundo maravilhoso da Internet, falta de cultura tout court e uma feroz competição: tudo parece concorrer para que as pessoas não compareçam ao teatro como gostaríamos e precisaríamos.

Evidentemente, não vamos jogar a toalha. Até porque não podemos pensar em desperdiçar nada. Até mesmo uma toalha puída, desbotadinha e descolorada ainda há de ter a sua serventia - na pior das hipóteses, para enxugar as lágrimas do produtor...

Muitos périplos & Chás de cadeira

Em *A Porta Aberta*, obra de 1993, Peter Brook alertava para o fato de que em todo o mundo os subsídios governamentais estão diminuindo, cabendo aos patrocínios de empresas particulares a tarefa de manter acesa a chama do teatro. Se for verdade, sem querer ser pessimista, a coisa aqui no Brasil ainda vai piorar, por mais impossível que isto nos possa parecer agora.

Artistas de renome e/ou "globais" falam de seus périplos e de seus chás de cadeira em busca do patrocínio de ouro, com poucos resultados. Algumas empresas que costumavam "mecenear" tiraram seus times de campo, enquanto outras, assustadas com denúncias de malversação de verbas, preferiram aguardar o rumo dos acontecimentos.

Ademais, os custos de produção vêm aumentando sis-

tematicamente, aí incluindo a extremamente necessária exposição na mídia. Os jornais cariocas têm sido generosos na estréia de inúmeros espetáculos, fornecendo amplo espaço. Mas depois da estréia, para chamar a atenção do público no meio desta babel de ofertas que se vê hoje em dia, só com anúncios pagos em jornais, rádio e - sonho dos sonhos - em TVs. E para isto, francamente, só com muito dinheiro. Pena que este dinheiro não exista.

Como também não existe mais a campanha das Kombis, salvação da lavoura pré-natalina. E o curioso plano de trocar notas fiscais por ingressos ainda não se concretizou (Será que vai?).

Mas pensando bem, se eu soubesse a solução para a manutenção e o incentivo da Cultura e das Artes Cênicas, iria a Estocolmo pleitear um prêmio Nobel...

Cadê meu prêmio? O Estado entra em cena

Mais uma empresa cai fora das festas de premiação: agora o prêmio Coca-cola foi pro espaço, na esteira do Sharp, Molière, Mambembe... Resta a Shell, mas por quanto tempo? Aliás, alguns membros da classe vêm atacando publicamente o prêmio Shell, seja pela festa não obrigar o uso de trajes de gala, seja por não contemplar mais os queixosos. Não fariam melhor reclamando de quem "saltou fora"?

Mas empresas particulares são assim mesmo: os lucros caem, as despesas aumentam, entra uma nova diretoria cheia de idéias fantásticas e pronto! Lá se vai um trabalho de anos...

Para isso (e para outras coisas, vá lá) serve o Estado - apesar do alerta de Peter Brook -: para manter uma continuidade estável, tranqüilizadora e justa. Neste exato mo-

mento a categoria se encontra dividida diante do anúncio de nosso bem intencionado Garotinho, que está oferecendo uma verba de muitos milhares de reais, que mais parece um financiamento do que um galardão. Será que esta premiação milionária vai ser mantida assim que mudar o Governo? Aparentemente, este muitão de agora vai seguramente transformar-se num nadão na próxima gestão. Quando a esmola é demais, não faltam os fiéis para levar algum. O jeito é relaxar e aproveitar. Pelo menos no final deste ano, vai chover na horta daqueles que se destacarem.

Para não dizer que não falei de flores...

Algumas coisas boas também merecem ser citadas ou reiteradas. Não vamos ficar só no discurso lamuriento, choroso e chato de sempre: além da já citada maior cobertura por parte da imprensa na época dos lançamentos, muitas firmas pequenas têm dado o seu apoio homeopático e constante. Assim, não faltam aos atores: pizzas & sanduíches, academias de ginástica, cabeleireiros e restaurantes.

As vans continuam sendo aliadas fiéis, bem como a Werner Tecidos, a DeMillus, a Lunnetterie, para citar apenas alguns dos parceiros de sempre. A eles e aos que porventura nos esquecermos de nomear aqui, a classe agradece.

Além disso, as recentes caravanas culturais promovidas pelo Governo Estadual parecem que estão dando certo. Tomara, tomara...

Destques & Porcentagens

Já estou quase no meio do artigo e ainda não falei da temporada. Mas vamos a ela. O realce (!!) numérico ficou por conta da peças com um ou dois atores: consti-

tuíram a bagatela de 30% de todos os espetáculos em cartaz! Assombroso...

Os textos nacionais predominaram sobre as estrangeiros, com as peças do tipo mistas (comédias com traços dramáticos ou dramas com elementos cômicos) se dando em maior número. Musicais também pontificaram, tanto quantitativa quanto qualitativamente. Subiu o nível técnico das produções e o público acompanhou. Nossas decantadas raízes musicais parecem estar se encontrando no teatro.

Outra coqueluche foi o uso do microfone. Além dos musicais, que necessariamente fazem uso deste instrumento de amplificação, muitas peças lançaram mão deste artifício, principalmente no início do semestre. Por quê? Se de um lado pode facilitar a emissão e a audição, por outro, o uso de microfones acaba conferindo um onipresente som metálico. Isso sem contar com as eventuais distorções de praxe. Enfim, deve haver uma razão pós-moderna por trás. Resta saber qual é.

Quanto aos destaques, citaríamos *Bugiaria*, dirigida por Moacir Chaves, provando que pesquisa de linguagem também pode ser bem humorada. *O Altar do Incenso* é mais um bom texto de Wilson Sayão, apesar da falta de um final à altura; já *S.O.S. Brasil* revelou o amadurecimento do dublê de empresário poderoso e dramaturgo, Antônio Ermírio de Moraes. A remontagem de *O Rei da Vela*, dirigida por Enrique Diaz, contabilizou mais lucros do que perdas, na hora de pôr em cena o difícil texto de Oswald de Andrade.

Separações trouxe um Domingos Oliveira em plena forma e sintonizado com o drama de vastas camadas de nossa população de classe média, confrontada pela infelicidade tranqüila proporcionada pelo casamento e o tormento da liberdade dos separados sem rumo. E *Eles*

Não Usam Black-Tie mostrou que o Brasil não mudou tanto assim (esta, a parte ruim). Mas mostrou isto de forma densa e emocionante (a parte boa), numa montagem em que além dos vários bons atores & atrizes, salientou-se o desempenho preciso de Ana Lucia Torre.

Por falar em trabalho de atores/atrizes, também se destacaram, além dos citados ao longo deste texto, de formas distintas, porém significativas (em ordem alfabética, que eu não estou aqui para me aborrecer): André Valli, Augusto Negrelly, Beth Goulart, Débora Reis, Domingos Oliveira, Eduardo Moscovis, Edwin Luisi, Gracindo Junior, Guilherme Leme, Kiko Mascarenhas, Leanro Hassoun, Marcelo Olinto, Marília Pera, Marta Metzler, Oswaldo Loureiro, Raul Cortez, Ricardo Kosovski, Vanessa Gerbelli e Walter Verve, além das moças que compõem o elenco do espetáculo Cole Porter.

Entre os estrangeiros, o sofisticado e doentamente inglês *Decadência* revelou-se um espetáculo de alto nível; e o mega-sucesso *Monólogos da Vagina* exibiu entre outras qualidades o talento de Zezé Polessa. Mas dos estrangeiros, talvez o melhor da (meia) temporada tenha sido mesmo o belo e comovente *Jornada de Um Poema*. Apesar dos exageros do elenco de apoio, a atriz principal, Gloria Menezes, soube nos conduzir com extrema sensibilidade nesta bela viagem entre a vida e a morte.

Alternativos & visitantes

Na turma dos alternativos, cite-se *Raul Fora da Lei*, com Roberto Bomtempo e *Pequenos Trabalhos para Velhos Palhaços*, dirigido por André Paes Leme. Aqui, um exercício de virtuosismo fazia com que os três papéis a serem desempenhados pelos atores (Claudio Mendes, Alexandre David e Augusto Madeira) fossem sorteados

na hora, na frente do público. Pode ser que para os três (muito bons) atores, tenha sido uma experiência altamente enriquecedora. Mas para nós do público, a par das qualidades da montagem, fica pairando a dúvida: será que a gente viu o espetáculo no dia certo, com *the right man in the right place*?

Não sei se *H. H. Informe-se* pode ser considerado alternativo, mas foi sem dúvida um belo exercício de direção de Ana Kfoury. De forma similar, *Aniversário de Casamento* exibe um texto interessante escrito por Sérgio Abritta. No início do ano o *Oberösterreich* também marcou sua presença com uma proposta forte, densa, apesar do título infeliz.

Ah, sim: as visitas. São Paulo ficou um pouco mais perto do Rio, que nos permitiu conferir os trabalhos de José Celso, Antunes Filho (com seus excelentes atores/atrizes) e até do “broadwayniano” *Cazas de Cazusa*. Temo que os dois primeiros tenham um ataque ao se verem no mesmo parágrafo que o musical de Rodrigo Pitta. Paciência, estamos só traçando algumas considerações acerca do panorama de 2000.1, e não fazendo uma exegese do teatro contemporâneo.

E Gerald Thomas, salvo mudanças de última hora, parece ter decidido se fixar no Rio de Janeiro por um bom tempo. Um excelente contador de histórias – inteligente, rápido, irônico e carismático – e fabuloso homem de marketing, Gerald poderia nos proporcionar um espetáculo de teatro à altura destes seus talentos. Seria muito bom ver isto num palco, de preferência numa peça escrita por um outro autor.

Enfim, como o espaço aqui é curto e as boas intenções enormes, fica o pedido antecipado de desculpas por eventuais deslizos e esquecimentos (cenógrafos, figurinistas, iluminadores, diretores, produtores: perdão!)

Outros temas não são tão importantes e centrais como os citados acima, mas também merecem uma “lebrancinha...”

Senso do ridículo

Depois de “visagismo” (!?!), começam a aparecer nos programas de teatro expressões tais como “desenho de luz”, para designar o trabalho dos iluminadores. Má tradução de light designer, pois não? O que será que houve com o termo “iluminador”? Saiu de moda? E “identidade visual”, que diabos será isso? (programa de *Otelo*). Cenário e figurinos também parecem estar em vias de extinção, em prol de uma tal de “concepção plástica-visual”. Há que se atualizar, é certo, porém sem perder o senso de ridículo.

Os programas de teatro: a luta contra os designers ensandecidos continua! Vá alguém tentar ler o programa do excelente *Bugiaria*, por exemplo. Textos enormes sem nenhum contraste “visível” entre figura e fundo, com fontes pequenas, coladas entre si, sem nenhum espaço. Impossível ler, ao menos dentro do teatro. Em casa, de lupa, debaixo de poderosa fonte luminosa, talvez. Mas aí...

E palmas para o engenhoso programa de *A Boa*, em forma de remédio. Muito criativo e original. E ainda por cima, legível.

Reiterando

E como dissemos em artigo anterior, se todos os alunos de teatro do Rio e candidatos a astros de novela frequentassem o teatro uma vez por semana, acredito que não haveria mais crise. Quem sabe?

Chorus on-Line

Uma boa iniciativa, capitaneada pelo ator e diretor Dinho Valladares foi a criação de um fórum específico de debates nacional sobre teatro, via Internet (se não é possível derrotar o inimigo, aliemo-nos a ele!). No mailto: forum_teatro@egroups.com **forum_teatro@egroups.com** é possível assistir ou participar de bons debates sobre muitos aspectos da vida teatral brasileira. Vale à pena conferir.

Sorteio

Algumas produções, simpaticamente, sorteiam ao cabo dos espetáculos alguns brindes dos apoiadores. Até aí, tudo bem. O chato é você acabar de ver uma peça, estar ainda envolvido emocionalmente e, de repente, ser puxado para a realidade se pegando torcendo para poder jantar no restaurante X ou ganhar um fabuloso kit de maquiagem Y. Quando se trata de uma comédia rasgada, vá lá: tudo pode ser feito no mesmo tom da peça. Caso contrário... fica esquisito!

Modestamente sugerimos que o sorteio seja avisado de antemão e que o mesmo se dê na administração do teatro, durante a peça. Ao sair da sala de espetáculos, um cartaz avisaria ao distinto público o número da poltrona vencedora. Isto resolveria vários problemas de uma só vez, deixando público e apoiadores felizes e sem interferir no que acabou de se assistir.

Esperança

"O teatro não tem categorias, é sobre a vida. Este é o único ponto de partida, e além dele nada é realmente fundamental. Teatro é vida".

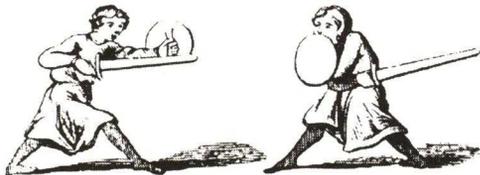
Se esta frase de Peter Brook estiver certa, e se o teatro for mesmo vida, no segundo semestre tudo pode acontecer, para melhor ou para pior. Porque o teatro - apesar de tantas vicissitudes - tem esta vantagem fantástica: faz-nos sentir mais vivos.

O resto é silêncio e um bocado de esperança. Um brinde ao segundo semestre!

Bernardo Jablonski é editor-chefe dos Cadernos de Teatro, jurado do Prêmio Shell e professor de Improvisação no Tablado

Teatro e violência

Dina Moscovici



Shakespeare alguma vez disse que a vida está fabricada com a matéria dos sonhos.

A vida diária transcorre numa espécie de sonolência, ou ao menos numa zona crepuscular, onde seu sentido não nos fica bem claro, onde o destino do outro nos é longínquo e próximo ao mesmo tempo. Presos ao instante e ao lugar, nosso viver de cada dia é habitado por figuras passageiras. Uma existência que parece afastada da história e de seus grandes dramas; de suas epopéias e de suas comédias.

Nossa existência cotidiana, fortuita como o instante ou o lugar, cujo material é descartável como as imagens crepusculares, se encontra no meio de uma voragem de certo

modo comprometida com o curso objetivo de um processo histórico. A tenacidade do impacto nos provoca uma revelação. Arde, então, a matéria dos sonhos e a sua chama nos aponta um mais além: o de uma vida coletiva. Um mais além que não é apenas o de um mundo supra-terreno, mas que mostra a mesma realidade terrena em outra dimensão.

E, por meio de uma amarga comprovação, somos levados a sair do conformismo diário para alcançar e compreender a evidência de que não estamos sós, de que nosso eu e nossa afetividade estão, de certo modo, inseridas dentro da história. Talvez, curvar-nos diante da revelação de uma presença, a de uma violência não sempre definível mas constatável. De uma violência que, no mais remoto de nosso passado, não foi a da luta do homem contra o homem, mas o forte impacto do meio natural. A sua resistência contra um ser que não queria mais ser animal e que tentava sua sobrevivência com um novo recurso: o da Cultura. Cultura que é, em si mesma, negação da natureza, rebeldia que age e violenta a natureza, atuando sobre ela, transformando-a, vergando-a e submetendo-a, já não aos desígnios dos deuses, mas aos desejos dos homens.

Metamorfose

Violência primeira, violência primária. Pedra friccionada contra pedra, produzindo o fogo; árvore que deixa de ser árvore para servir como madeira. E assim, toda uma transfiguração, uma perpétua metamorfose de uma coisa em outra coisa, revolução permanente de todos os materiais. No exato momento em que o homem fez uso da Cultura para afirmar-se como homem, ele a impregnou sempre de uma violência, que para sempre

a deixou contaminada. Violência que se foi exercendo gradativamente, etapa após etapa. Primeiro a dos elementos naturais, logo aquela dos homens contra os homens, fundando hierarquias de valores, de beleza e de amor. Violência desenfreada, iracunda, vinda, quem sabe, de que potências cósmicas, que impulsiona o homem a criar, a roubar à natureza, para impor o seu desejo de domínio. E ele mesmo, o homem, guardar o seu segredo, em algum espaço recôndito, que dará lugar a inúmeras interpretações, sujeitas estas sempre a outras.

Para a psicanálise, por exemplo, o sujeito humano emergiria de uma rede de significações que lhe seria dada por um Outro, sujeitado que é ele ao Desejo de um outro e à Cultura que o envolve. É daí que ele iria se instalar, se inaugurar como sujeito em “outra cena”, à qual não teria acesso - o Inconsciente -, cenário onde se formam e situam aprioristicamente suas matrizes básicas de significações. Apenas desse lugar, tal como um espectador, irá filtrar e perceber um real, criando, em última instância, a sua realidade. Que violência! O ser humano será um ser de interpretação, de certo modo, alheio a si mesmo.

Drama

Em um pretérito fantasmático, ficaria situado o leme que nortearia para sempre o seu percurso existencial, marcando suas escolhas e decidindo de seu prazer. Toda uma trama que determinará o seu drama pessoal, cujo núcleo trágico fundante radicar-se-á em sua condenação a uma incompletude essencial. Será um Eu, só viável a partir de um outro que, espelho inicial, o reconheça e nomeie. E aí, o sujeito criará matrizes significantes - representações -, determinantes de sua realidade psíqui-

ca, a única que, de fato, para ele existirá, já que o Inconsciente comparece como o lugar produtor de representações.

Toda essa trama fundante levará o homem a tratar de adequar-se a uma realidade maior, onde as trocas se farão possíveis, por ser o sujeito humano, basicamente, um ser produtor e produto da Cultura, isto é, norteado por leis, inventadas por ele, no empenho de opor-se ao caos. Mas embora essas leis sejam convenções, portanto arbitrárias, faz-se mister um consenso em torno delas como fundamento para a perpetuação da Cultura. Este espaço maior de con-vivência estará sempre norteado por normas, sinalizadoras ou catalisadoras, que organizarão e viabilizarão uma troca ordenada, uma articulação fecunda. Normas estas, criação dos homens, já que no caos inicial inexistia qualquer possibilidade de vida que seja fruto de leis e organizações hierárquicas.

Desafios

No caso do teatro, império da invenção, outras imposições, outros desafios. Transpor espaços diferentes, demarcadores simbólicos plenos de significação. Bastará nomear: este é o espaço do público, aquele o da criação. Cada nova palavra inaugura, violenta, revoluciona qualquer ordenação anterior. Ela tem presença, forma, peso, pode ser lei absoluta. Também no vazio do espaço cênico um ator aparece, talvez no silêncio, sem articular um único som. É presença, devir aberto a todas as possibilidades. O simples estar aí é criação de mundos. Ou uma luz, um simples feixe de luz sobre o espaço deserto, é já um personagem.

Se se resiste à angústia dessa simples presença de um nada, tão somente vibração de intensidades, aos pou-

cos essa luz se fará cheia de interrogações, despertará nossas projeções imaginárias que irão refugiar-se nas trevas, nas sombras que se refugiam atrás de seu brilho. Luz e sombra, num jogo fantasmagórico. E aí, a pergunta essencial: onde se instala o fundamento? Que processo é esse que dará sentido a essa combinação aleatória de dados, ao menos aparentemente caótico, que levará ao jogo da criação?

Criação

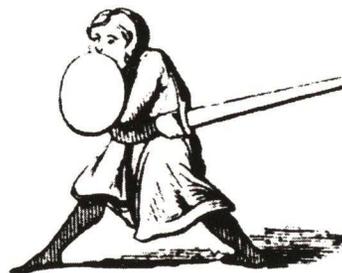
É apenas quando esse processo, quando esse jogo é aleatório, quando esse jogo é puro azar, isto é, passe a conter todas as probabilidades, mas nos surpreenda no seu resultado; frustrate, de certo modo, todas as nossas expectativas, violente nossas esperanças de subjugar o futuro ao nosso desejo, que, talvez, nos tenhamos acercado daquilo que pensamos ser a criação. Assim, o processo criativo - em algum lugar, alguém o disse - não se faz de um possível antecipado à realização desse possível, mas sim de um virtual não dado, nunca passível de sê-lo, à atualização desse virtual. Tudo como num lance de dados, onde o resultado assombre e exceda o próprio jogador.

Quem sabe, que momentos esses, privilegiados, quantos desses momentos podemos recordar, em que o milagre se deu, aqueles em que o ator, de repente, tem um branco, esquece o seu texto, vacila e se deixa invadir pelo inesperado, pelo vazio que aparece diante dele como espaço aberto, onde entre a memória e o presente um abismo se apresenta e o absoluto emerge num sentimento abissal. É um fora que penetra no território suposto conhecido, o não previsível que invalida e violenta todas as certezas. Estava tudo em ordem, a palavra

que seguiria a outra palavra, já prevista. E agora, o caos, o balbuciar lento das palavras, arrastando as sílabas.

É a emoção que nasce nesse interlúdio, nesse momento suspenso no ar, que faz que o espectador, ele também, sinta que o mundo está sendo inventado naquele exato instante. Ator e espectador, heterônimos de si mesmos, máscaras sobre outras máscaras que deixarão transparecer um corpo intenso. Um corpo que, seguramente, abriga uma alma, que, como pensava Platão, antes de se ter encarnado no corpo, passeou na companhia dos deuses pela planície das idéias. Mas que seja um corpo belo, que esteja na via erótica.

Dina Moscovici é professora de Improvisação no Tablado



A voz do ator

Rose Gonçalves

O ator precisa exercitar sua voz todos os dias. Engano pensar que só quando ele está em cartaz deverá aquecê-la. O modelo cuida do seu corpo, o pianista das mãos e assim por diante. O programa de voz para ator é feito com alguns exercícios muito tradicionais, antigos, mas ainda com certeza os únicos que realmente funcionam - embora existam muitas técnicas supostamente energizantes, fontes *ocultas* de energia, repletas de malabarismos em cachoeiras, com aromas, voz computadorizada, apostilas mágicas etc. Tudo isso é lindo e parece moderno, mas na realidade serve mais para vender - não é à toa que com o título "falar bem" muitos livros apareceram nos últimos anos.

Chego à conclusão que atualmente todo mundo entende de voz. A quantidade de diretores, atores, professores de corpo, de música, que arriscam dar exercícios de voz (palavra falada) para os atores é incalculável. Basta um dia alguém ter aprendido algum exercício de voz em um curso e pronto: já passa a ser professor da área. O efeito de um exercício de voz feito erradamente é um desastre. Um professor capacitado para dar aula de voz - ou seja, um especialista - não apenas ensina o exercício: ele observa como está sendo feito e assim pode corrigir no ato, evitando posteriores problemas.

Defesa

Um programa de voz começa ensinando ao ator, por exemplo, a se defender destes exercícios dados por pessoas não capacitadas, pois nunca vi tantos problemas de voz na classe artística. Também já vi atores que se entregam a pedidos mirabolantes de diretores e arrasam sua voz. O preparador vocal tem que ser intermediário entre o diretor e o ator, ou seja, fazer o pedido do diretor se tornar possível com, às vezes, um simples toque.

O ator que trabalha a voz conhece seus limites e irá efetuar seu trabalho fazendo o menor esforço vocal, sem

poupar potência. Não é deixar de fazer e sim fazer corretamente, com técnica. Ainda me espanto em ver como existem peças sem uma preparação vocal para os atores. Quando a verba é pouca, a primeira economia será retirar a “voz”. Mas como, se teatro é texto?

De acordo com a técnica Espaço-Direcional. Beuttenmüller, que utilizo há 23 anos, um ator precisa:

- Usar os seus sentidos (tato/visão/audição/olfato/ paladar).
- Articular (lábios e dentes) vogais e consoantes - com prazer, saboreando.
- Dar ao texto a noção de tempo no espaço passado, presente e futuro.
- Marcar no espaço as referências: onde, para onde (para não empilhar informações).
- Dar à palavra o que ela pede: sua imagem se envolver com o que se diz é o ritmo, tornar a palavra viva.
- Fazer a melhor pontuação expressiva, que nem sempre bate com a gramatical, dando conforto para quem fala e melhor entendimento para quem ouve.
- Projetar / abraçar sonoramente a platéia, dar a voz, usar todas as bocas do corpo para essa doação.

Postura

É claro que o ator também precisa ter boa postura, para ter uma boa voz.

O *pescoço* esticado para cima ou para frente modifica o tom de voz (fica mais aguda), além de ser um forte motivo para a rouquidão. A correta postura do pescoço é queixo paralelo ao chão.

O *tronco* arcado para frente (postura dos ansiosos) além de esteticamente horrível, faz com que o tom fique alterado (a voz fica mais aguda), além de diminuir a possibilidade de projeção da voz. Um ator precisa ter o tronco alinhado à cabeça e com mobilidade para frente e para trás.

As *pernas* e os quadris devem sempre estar soltos. Joelhos endurecidos endurecem a voz e assim não poderemos dar o redondo da palavra “samba”, por exemplo.

Os *pés* também têm postura correta para dar um bom tom de voz. Às vezes percebo o pé do ator fora do chão - como se ele estivesse flutuando ou quicando entre o pé direito e o pé esquerdo - ou com o calcanhar fora do chão; ou, ao contrário, com a ponta do pé sem tocar o chão ou dedos recuados. Causas típicas de tom errado. É como se o ator estivesse falando em uma nota errada - como no canto. Então ele chega ao final do espetáculo cansado e com grande possibilidade de rouquidão. Os pés devem tocar o chão, pois só assim estaremos no tom certo. A postura ideal para um ator é comparada à de um boneco de pano na postura correta, ou seja, ter tônus sem ter tensão nas articulações.

Um ator *espremido* (cheio de emoção) corporalmente não consegue lançar sua voz e acaba se ferindo vocalmente. Eu adoro “desespreme-lo” ou “desembrulhá-lo”, soltar o seu corpo sem modificá-lo visualmente. O ator ganha conforto e a platéia irá se deliciar com a emoção e a voz do personagem.

Respiração

A respiração é outro requisito importante para a saúde da voz de um ator. Aqui começam as discórdias entre canto-fala-interpretação-corpo. Qual será a correta respiração? Vamos começar decifrando o lógico. Por que o nosso Criador colocaria o nariz no meio do nosso rosto? O nariz tem a função da respiração. No silêncio, o ator deve inspirar e expirar pelo nariz, na fala inspirar pelo nariz e expirar pela boca. É claro que muitas vezes, no meio de grandes orações, pegamos colaborações por via oral, pois seria impossível (falso) parar e renovar o ar pelo nariz.

Num diálogo o ator deve escutar o outro com os lábios unidos, respirando unicamente pelo nariz. Ao responder ele *enxerga* - cheira, inspira pelo nariz - e diz o texto. É simples, bonito e ideal para a voz. Mas o que mais vejo é o contrário: ouvir com os lábios entreabertos ou abertos, dando ao ator um visual feio. E ao responder ele abre mais a boca e pega ar de forma barulhenta. Ao falar joga esse ar todo de uma vez nas primeiras palavras e recomeça então uma série de respirações por via oral. Respiração complicada, apelativa, pois parece demonstrativa de emoção e o pior: pode arrasar a voz.

Um ator que respire pelo nariz pode fazer grandes orações sem precisar renovar o ar muitas vezes, dificilmente ficará rouco e aprende a usar a inspiração (entrada de ar) já com a emoção que ele precisa. Experimente enxergar o bonito - lábios unidos -, cheire com alegria, e você verá como o rosto se ilumina, os olhos brilham e a voz será a resposta disso.

A respiração por via bucal é necessária sim, num monólogo vamos utilizá-la algumas vezes, mas nas pausas a gasolina tem que ser aditivada (pelo nariz), para que a resposta sonora volte com gás. Eu aceito e adoro aprender novas técnicas, mas nada me convenceu das vantagens da respiração bucal em cena, que considero um suicídio vocal.

Para prevenir problemas de voz e para recuperar uma voz a respiração tem que ser: entrada pelo nariz, armazenamento intercostal-diafragmática, saída pela boca. Algumas vezes entrada pela boca, saída pela boca (são consideradas colaborações, não são respirações). Inicia-se nas pausas as respirações e assim por diante.





ÉSQUILO (525-456 a.C)

Autor dramático grego. Nasceu em Eleusis, perto de Atenas, e combateu os persas na batalha de Maratona. Escreveu 90 tragédias, das quais se conhecem 79 e se conservam sete, com destaque para *As suplicantes*, *Os persas*, *Os sete contra Tebas*, *Prometeu Acorrentado* e *Agamenon*. Foi um dos grandes autores trágicos da época clássica ateniense. Consolidou as formas dramáticas tradicionais e introduziu várias inovações importantes. A tragédia anterior, representada por um cântico, bailarinos e um só ator, deveria ser fundamentalmente lírica. Ao introduzir um segundo ator, Esquilo conferiu à parte histriônica a mesma importância que à parte lírica ou coral. E converteu o oratório em drama. Em suas últimas obras adotou o terceiro ator introduzido por Sófocles. Outras de suas inovações foram a redução do cântico e o uso sistemático da trilogia. Nas competições que ocorriam em festas em honra de Dionísio, cada poeta tinha que apresentar três tragédias e uma peça satírica. Esquilo unia com frequência três tragédias numa trilogia, na qual cada obra formava uma unidade dentro de uma unidade maior. Desta forma, deu ao seu teatro a grandeza que exigia sua ampla concepção e seu poderoso sentido da estrutura dramática.

EURÍPEDES (484-406 a.C.)

Autor dramático grego. Nascido, ao que parece, na ilha ateniense de Salamis. Ao contrário de Ésquilo e Sófocles, seus precursores no terreno da tragédia, não participou muito da vida pública e política de Atenas. Escreveu 92 peças, das quais se conservam 17 tragédias, uma peça satírica (*O Cíclope*) e numerosos fragmentos. Suas obras se dividem em duas categorias: tragédias - *Medéia*, *Hipólito*, *As bacantes*, *As troianas* e *Hécuba* - e dramas, que podem ser definidos como tragicomédias, melodramas, comédias e dramas românticos: *Electra*, *Orestes*, *Ifigênia em Táuride*, *As fenícias*. Eurípedes foi o primeiro mestre neste tipo de drama não-trágico, do qual derivou a *Nueva Comedia* do século IV (Menandro). Comparada com os textos de Ésquilo e Sófocles, a tragédia de Eurípedes se interessa mais pelos indivíduos do que pela comunidade, mais pelas paixões - ódio, vingança, amor - do que por questões religiosas ou morais. Eurípedes foi um artista individualista, cético e crítico, precursor do pensamento e arte cosmopolita do Helenismo e de Roma (Sêneca). Utilizou as fórmulas trágicas estabelecidas por Sófocles (três atores, côro reduzido), introduzindo um resumo da história no momento em que se iniciava a ação. O côro era reduzido a ornamento lírico, com pouca conexão com a intriga.

ESPERT, Nuria (1936)

Atriz e diretora espanhola, começou sua carreira em Barcelona no Orfeó Gracienc e no Teatro Romea. Com sua própria companhia protagonizou *Gigi* e as tragédias de Eugene O'Neill *Anna Christie*, *Desejo sob os olmos* e *O luto assenta bem em Electra*. Participou ativamente

no renascimento do teatro em língua catalã e estreou *A alma boa de Set-Suan*, de Brecht, uma de suas melhores interpretações nos anos 60, juntamente com *Entre quatro paredes*, de Sartre. Em colaboração com o encenador argentino Victor Garcia criou uma série de espetáculos inovadores, como *As criadas* (Jean Genet), *Yerma* (Garcia Lorca) e *Divinas palavras* (Valle Inclán), com os quais obteve êxito internacional. De 1979 a 1981 dirige - em parceria com José Luis Gómez - o Teatro Dramático Nacional, onde apresenta *Dona Rosita, a solteira* (Lorca), dirigida por Jorge Lavelli. Sob a direção deste último interpreta o papel de Próspero em *A tempestade* (Shakespeare), um de seus trabalhos mais marcantes. Com a montagem de *A casa de Bernarda Alba*, no Lyric Theatre de Londres, Nuria Espert passa à direção. Ultimamente tem dirigido óperas: *Madame Butterfly* (Puccini), *Rigoletto* (Verdi) e *Carmen* (Bizet).

EISENSTEIN, Serguei (1898-1948)

Diretor e cineasta russo. Começou sua carreira como cenógrafo e diretor. Discípulo de Meyerhold, dirigiu o Teatro Proletkult, onde levou ao extremo o teatro de agitação e propaganda - mescla de elementos circenses, de teatro, de feira, música, declamação e agitação política. Entre suas montagens, destacam-se *O sábio* e *O mexicano*. Começou a filmar em 1924, produzindo verdadeiras obras-primas, dentre elas *O encouraçado Potemkin*, *Alexander Nevski* e *Ivan, o terrível*.

A tragédia de Althusser

Wilson de Lyra Chebabi

O presente artigo apresenta os comentários de Chebabi após a leitura dramatizada da peça *A tragédia de Althusser*, de Carlos Henrique Escobar, dirigida por Dina Moscovici, em junho deste ano no Tablado.



A experiência que vivemos ao assistir a leitura da peça é muito instigante porque permite compartilhar de uma etapa importantíssima da gestação de um evento teatral. A leitura pelos atores e o empenho em cada um de colocar-se no palco e no personagem, constitui uma espécie de metabolização do texto do autor. Evidentemente, esta metabolização vai permitir que o próprio autor se surpreenda com o que ele escreveu, ao verificar a pluralidade das nuances possíveis em função da vivência de cada ator e do diretor. Esta vivência depende daquilo que o drama de cada personagem apresentado como que puxa de dentro da pessoa do ator e que vai permitir que ele vá, durante a representação, vindo a ser o personagem. Quanto melhor o ensaio conseguir essa espessura de experiência humana na representação, mais eficaz será a peça na proposta de colocar o espectador em contato com a teia do seu vivido e portanto partilhar do drama com a sua inteligência e com a sua emoção.

Questões

Qual o valor de colocar-nos em conexão com o que a vida vem tatuando em nós?

Qual a vantagem de nos reconhecermos em Louis Althusser, como nos foi apresentado por Carlos Henrique Escobar, que com isso reapresenta-se também em novas facetas, além daquelas através das quais já o conhecemos?

Como todas as perguntas, estas foram feitas para não serem respondidas. Qualquer resposta interpor-se-ia entre o evento teatral que nos alcança, e sua força de emergência do que se acha velado dentro de nós. A pertinência da pergunta está em potencializar a força do que todos nós assistimos, cada um a seu modo, para que o acontecimento prossiga a sua vocação de despertar novas perguntas. Será então que o ator vai emprestar densidade ao personagem à medida que for se deixando tatuar por ele? Ou é o ator que tatua o personagem com a maneira como empresta a ele os seus dramas pessoais? Qual dos dois é tatuador e qual é o que está sendo tatuado? Não será que o que caracteriza esse animal estranho que é o ser humano, é justamente não poder escapar da tatuagem da cultura e da necessidade de praticar nos demais essas marcas indelévels?

Marcas

A tendência mais corrente é impingir marcas impressas com ferro e fogo, como se faz com gado, para classificar as pessoas, em vez de descobrir-lhes as múltiplas características. Essa marca, que enxerta um estigma, visa ferir dolorosamente alguém para intimidar e com isso exercer o poder. Um proeminente professor da Sorbone, na época, declarou: "Eu lhes havia dito que aquela filosofia era homicida".

Essa obra que assistimos, de autoria de Carlos Henrique Escobar, e de seus metabolizadores desta noite, tem uma função valiosa: a de incentivar a ler Althusser como ele se empenhou em ler Marx e ainda

Montesquieu, Spinoza, Gramsci, Freud e Lacan. É uma dedicação íntima, uma devoção de conhecimento que nos está trazendo a este evento.

Que devoção teria levado Louis Althusser a assassinar Helène? Mais uma pergunta para não ser respondida e sim para acionar uma nova pergunta: que assassinato era praticado por Helène em sua devoção - mostrada abundantemente na peça - em cuidar de Althusser com tal constância e devoção?

Cegueira

A tragédia de Althusser é a tragédia do homem que pensa. Pensar é ponderar e ponderar é recusar a cegueira da adoção cega de uma facção. Por os dois pesos na balança. Pensar é recusar o sectarismo, isto é, recusar tentar invalidar os motivos dos setores aos quais não nos filiamos. Para isso ser tentado - pois não sei se é possível - torna-se indispensável manter uma vigilante capacidade crítica da posição que adotamos. Isto significa ter a coragem de não se sujeitar à pressão dos co-participantes para silenciar toda crítica que revela em que a facção que adotamos ainda carrega em seu bojo núcleos profundos daquela facção da qual nos destacamos e contra a qual nos voltamos. Essa crítica é extremamente ameaçadora porque nos joga a todos no inferno da incerteza. E aí abre-se o abismo entre a atividade de pensar e a luta pelo poder.

Há uma diferença profunda entre pensar para saber e pensar para poder. Do saber, sem a menor dúvida, surge também um poder, que é secundariamente alcançar conclusões que possam ser empregadas como armas que destroçam os adversários. A ilustração mais eloqüente disso é o desenvolvimento da física atômica. Pensar é portanto ponderar também a possibilidade dos usos destrutivos que possam ser feitos dos saberes alcançados

pelo pensamento. Mas não há nenhum recurso do pensamento que garanta o bom uso de qualquer descoberta. E é por isso que só se pode pensar para valer se suportarmos pisar nas areias movediças da incerteza.

Fascínio

Para combater, contudo, é necessário contar embora ilusoriamente com o solo firme da certeza. É este solo que sustenta as guerras com as suas campanhas baseadas na sugestão e no hipnotismo das massas. Ninguém desconhece o fascínio criado pelo aparato da propaganda nazista, tanto mais bem sucedido quanto mais conseguia eleger um causador de todos os males: o judeu. Aí está a germe de todo racismo. Esta configuração de fatores estabelece um estado de coisas que não deve ser abalado a qualquer preço. O pensar é sem a menor dúvida o boicote mais perigoso, embora tardio, contra o status-quo. Para os que se apoiam na certeza que sustenta a conjuntura, pensar é trair.

Fervoroso católico em sua juventude, já nesta época Althusser via-se atormentado por dúvidas e pelo medo de estar sendo insincero. E por mais paradoxal que pareça, foi em fidelidade ao espírito da Igreja, que tornou-se comunista. Teve de fazer a guerra, mobilizado em 1939 e foi preso em 1940, ficando 5 anos em campo de concentração. O cativo permitiu que tivesse a experiência do contato com proletários, camponeses e militantes comunistas, percebendo-se apaixonado pela política. Já em 1947 era hospitalizado em um estabelecimento psiquiátrico, por apresentar "sinais de desequilíbrio mental" e foi diagnosticado como "psicótico maniaco-depressivo". Como sabemos, esta assim chamada entidade nosológica é considerada causadora, pela psiquiatria tradicional do que chamaram de "acessos melancólicos repetitivos".

Inquietação

Sujeitando-se a ficar marcado com essa tatuagem, podia ter um lugar na cultura. De outro modo sua inquietação cognitiva e a profunda dor pelo desperdício de vida na sociedade em que vivemos e a aguda consciência da impotência em conseguir mudá-la, despertariam no meio social a desorientação e o caos. Com o selo de doente mental podia ser respeitado pelo seu meticuloso e profundo trabalho conceitual, que não teria nada a ver com os impasses a que chegaram o seu percurso cristão, o seu percurso marxista e o seu porte filosófico.

Na peça de Escobar fica muito nítido a sua ânsia de encontrar uma síntese dessas vertentes que tivesse a possibilidade de mudar o mundo. Mas classificado como doente ficava invalidado como líder de qualquer movimento renovador. A doença que ele adotava permitia aplacar o desespero da sociedade ao ver denunciadas as razões gananciosas que movem os seus desastres. Como doente, seu pensamento ficava limitado ao universo teórico para ser respeitado e estudado, mas não para ser exercido. Aceitando esse estigma, aplacava os medos que os outros tinham da prática das suas propostas ideológicas.

Estudos

Desse modo, foi possível então tornar-se professor de filosofia. Seus estudos nesse ano de 1948 na Escola Normal Superior em Paris deram-lhe o título de agregado de filosofia. Sua tese sobre Hegel revela a influência da tradução de Jean Hyppolite, também mestre de Jacques Lacan. Além destes, filiou-se ao ensinamento da epistemologia com Gaston Bachelard, supervisor de sua tese. Foi nomeado para substituir Georges Gusdorf na preparação dos candidatos a serem agregados. Outra relação importante foi com Michel Foucault, a quem aconselhou não

se internar em hospital psiquiátrico e influenciou para entrar no Partido Comunista. Mantinha-se bem relacionado com o grupo católico da Escola.

Althusser toma a decisão, ao lado da maioria dos universitários franceses, de aderir ao marxismo e ao Partido Comunista. Disse mais tarde que encontrava no Partido os meios para a realização da fraternidade universal. Sem dúvida era a maneira de manter-se fiel ao espírito do cristianismo. Declarou que as mulheres lhe haviam dado tudo. “Não sabem quanta capacidade têm para fazer política”.

Bastidores

Em minhas fontes, foi Hélène que lhe abriu, no campo de concentração, as portas do marxismo. Em 1950 Hélène continuava a ser acusada, sem a menor prova, de manter contato com grupos ligados à Espanha republicana. Foi expulsa do partido e Althusser teria sido instado a romper com ela. E sentiu-se obrigado a comprometer-se a fazê-lo. Esse é também o período de novas internações e da assistência de Diatkine. Hélène, contudo, continuou a visitar Althusser na Escola. Mais uma vez, a versão de que era um doente tornava mais possível suportar a contradição entre a sua maneira de pensar e o seu ato de traição à Hélène e a si mesmo.

Todos esses eventos estavam ocorrendo nos bastidores do andamento das coisas que aparecem na peça de Escobar. Várias de suas convicções e afeições profundas entravam em choque dentro dele. Como compatibilizar sua fé cristã com a repulsa marxista à religião? Em parte, sem dúvida, tendo a esperança de encontrar no marxismo a caixa de ferramentas que faltava ao cristianismo. Mas, em sendo uma luta decididamente assumida como procurando o poder, teria de infligir as propostas de amor ao

próximo como a si mesmo. É bem verdade que tinha como argumento que também a Igreja sempre o fez. Mas tinha por outro lado a formação filosófica que, incitando o pensamento, punha em crise a adesão incondicional à qualquer versão da verdade. A pedido de Alain Badiou, Sartre fez uma palestra na Escola Normal Superior e um interlocutor conseguiu encurralá-lo. Foi Louis Althusser. Para nossa lástima o debate jamais foi publicado.

Coqueteria

Althusser era acusado, cada vez mais, de “pluralismo perigoso”, que abala as bases “monistas” do marxismo. A gana crítica de Althusser era considerada uma coqueteria. Ao suspender os seus seminários, em função das intervenções repressivas da maioria dos psicanalistas franceses da época, Jacques Lacan foi convidado por Althusser a prosseguir-los na Escola Normal Superior.

Althusser foi acusado de “esquerdismo” e teve de declarar que a linha própria e adequada era a do Partido Comunista Francês. Daí para frente foi se tornando a fonte do pensamento estudantil marxista. Passa a deplorar a indigência teórica do pensamento operário e postula que cabe aos intelectuais devolver ao marxismo o seu rigor científico. Faz reparo, pois, ao “humanismo” de Sartre, como aliás Heidegger. Como Lacan apresentava a “releitura de Freud”, Althusser se propunha a reler Marx. Em 64 publicou “Freud e Lacan”, mantendo sempre um respeito pela psicanálise até 1980, quando irritou-se tremendamente contra Lacan, numa época em que essa irritação já se estendia em muitos meios.

Althusser e seus seguidores eram considerados a esquerda da esquerda em contraste com a esquerda insossa do Partido. Esta queixava-se da ausência, em seus escritos, de referências à literatura escrita pelo Partido e

a abundância de articulação ao estruturalismo, considerado reacionário. Essa erupção incessante, que incluía sucesso e infortúnio, não era ignorada por Althusser que procurava tomar iniciativas de articular todas as forças internas e externas para não perder a lucidez.

Queixa

A peça de Escobar revela a constância de recorrer a Diatkine, sempre incerto da certeza deste último. Fontes revelam que queixava-se fundamentalmente de ser tratado com reverência pelo analista em prejuízo do cuidado analítico de que precisava. De algum modo, Diatkine pareceu apoiar-se no diagnóstico psiquiátrico de psicose maníaco depressiva. Os episódios da peça de Escobar com respeito à sensibilidade ao sofrimento dos animais e a cena pungente de auto-culpabilização pela morte do bizarro pequeno animal que lhe haviam presenteado podem já estar influenciados pela assunção básica e não questionada da enfermidade mental. Não se pergunta se o patológico é a sensibilidade pelo sofrimento de qualquer ser vivo ou se é a frieza para a vida e a paixão pelos engenhos que contemplam o poder e que se alastra cada vez mais na humanidade.

O que a peça nos mostra é uma Hélène profundamente comprometida com o analista que se mantinha também psiquiatra medicando e internando. Não se pergunta se essa medicalização visava de fato a preservação da pessoa real de Althusser, inteiro, sacudido pelas contradições da vida e da sociedade paradoxal em que vivemos, ou a preservação do seu prestígio em cima do qual tantas pessoas se apoiavam. Hélène também apoiava-se em seu saber caleidoscópico e o apoiava emocionalmente como uma espécie de mãe emparceirada com Diatkine.

Dúvidas

Tudo bem. Mas a questão fundamental continua fluando sem ponto de fixação. Todos nós suportamos toda essa revisão na esperança de saber por que Althusser matou Hélène? Essa pergunta só faz lançar-nos no redemoinho de novas dúvidas:

Será porque Althusser padecia da enfermidade “maníaco depressiva”? Mas será que existe essa doença e será que ela é de origem orgânica? E mesmo que exista, a melancolia move as pessoas que a sofrem a matar? O que se estuda nos tratados psiquiátricos é que o melancólico se mata por considerar-se culpado de tudo e carente de castigo. A não ser que sua aspiração de auto punição fosse o de morrer em seu prestígio. Diz-se muito que essa foi a primeira morte de Althusser. Mas com toda a sua sofisticação espiritual, teria podido arruinar o seu prestígio escrevendo contra as suas posições até então tomadas, despertando então o desprezo dos que o apoiavam. Os melancólicos mencionados nos tratados de psiquiatria usam constantemente esse expediente de auto condenação. Não foi o que fez Althusser.

Vingança

Terá sido uma vingança contra o psicanalista? Se este se apoiava em seu prestígio intelectual, o assassinato de Hélène, por um lado comprovava a tese de ser ele um doente mental submetendo-se ao analista e por outro ferava a pretensão de Diatkine de saber o que estava fazendo com Althusser. Terá sido um pacto de morte entre os dois amantes como os há tantos? É verdade que Hélène revelava uma certa culpa de estar com Althusser e se imaginava por vezes responsável pelo seu sofrimento.

Por que Althusser assassinou Hélène? Não se sentiria assassinado por ela que funcionava como veículo da

intolerância da sociedade com quem não toma partido cego de uma causa? A resistência heróica de Althusser contra a pressão social de abortar a sua capacidade crítica precisava ser quebrada. Não terá Hélène, sem disso dar-se conta, se deixado levar pela pressão do meio ambiente em sendo induzida a matá-lo aos poucos com a medicação que diminui a lucidez crítica?

Eutanásia

Por que afinal Althusser matou Hélène? Terá sido um gesto piedoso, ligado à sua mania de grandeza? Uma espécie de eutanásia misericordiosa? Em alguns momentos da peça parece que isto fica insinuado.

Ainda nos faltam dados essenciais para perguntar mais ainda: o percurso da análise de Althusser, se for possível chamar essa intervenção de análise, como foi acompanhada e exercida por Diatkine. Dados deste cunho, contudo não podem ser exigidos de um analista que tem como dever resguardar o segredo médico.

A única resposta só pode ser: não sabemos senão que não sabemos. E o que sabemos guarda-se no fundo de nós sem sabermos que sabemos.

A vida, contudo, não se sustenta sem uma ilusão de saber. A autocrítica sistemática e a incerteza radical põem-nos impotentes e sem vigor.

Saber que assassinou a sua própria mulher, da qual dependeu tanto para sustentar-se vivo, ficou sendo um saber inegável. A impotência, filha da incerteza, desvanecia-se uma vez que agora tinha posto em prática um ato hediondo concreto. Libertava-se do encarceramento na teoria em que ele havia sido isolado.

Wilson de Lyra Chebabi é psicanalista

O Mambembe

Texto extraído da peça homônima de Arthur Azevedo

Frazão - E levo esta vida há trinta anos! Pedindo hoje, pagando amanhã, tornando a pagar, sacando sobre o futuro com a hipoteca do ganho, com as alternativas da fortuna, sempre de boa fé e sempre receoso que duvidem de mim, porque sou cômico, e ser cômico, vem de longe. Mas por que persisto? Por que não fujo à tentação de andar com o meu mambembe às costas? Perguntem às mariposas porque se queimam na luz...Perguntem aos cães porque não fogem quando avistam de longe a carrocinha da Prefeitura! Mas não perguntem a um artista de teatro porque não é outra coisa senão artista de teatro...Isto é uma fatalidade que nos condena o nosso próprio temperamento. O jogador é infeliz porque joga? O fraco bebedor porque bebe? Também isto é um vício terrível porque ninguém considera vício e, portanto, é confessável, não é uma vergonha, é uma profissão que absorve toda a atividade, toda a energia, todas as forças. E para quê? Qual o resultado de todo esse afã? Chegar desamparado e paupérrimo a uma velhice cansada! Aí está o que é ser artista no Brasil!

[Sugestão para estudo]

O trecho selecionado constitui uma das análises mais dramáticas, lúcidas e líricas do que seja a paixão de representar. Aqui, o que importa é tentar viver, com o máximo de verdade, os sentimentos implícitos nesta reflexão. Sem pressa. Descobrimo uma a uma as frases, como se estas ocorressem no momento de serem enunciadas. E dirigindo-as a um interlocutor imaginário, como se o personagem estivesse respondendo a uma pergunta. O texto, no fundo, não deixa de ser uma confissão. E isto pressupõe um ouvinte.



Múltipla Escolha

Redação

Em uma de suas peças mais famosas, Henrik Ibsen (1828-1906) coloca na boca do protagonista uma frase que se tornou célebre: "O homem mais forte do mundo é o que está mais só". Que peça foi essa?

- a) *Casa de boneca*
- b) *Peer Gynt*
- c) *Hedda Gabler*
- d) *O inimigo do povo*
- e) *O pato selvagem*

Stanislavski (1863-1938) influenciou de forma definitiva o trabalho do ator. Por quê?

- a) Foi um dos maiores intérpretes de sua época
- b) Cantava, dançava e representava com igual desenvoltura
- c) Demonstrou o potencial expressivo do sapateado
- d) Concebeu teorias sobre a arte de representar até hoje seguidas
- e) Nenhuma das respostas anteriores

Embora a maior parte de sua obra se dirija ao público infantil, Maria Clara Machado também escreveu tex-

tos para adultos. Um deles é protagonizado por um casal idoso, envolvido numa atividade desconcertante. Você consegue identificar este texto?

- a) *Os embrulhos*
- b) *As interferências*
- c) *Tribobó-City*
- d) *Um tango argentino*
- e) *O boi e o burro a caminho de Belém*

A primeira montagem de *Vestido de noiva* (1943), de Nelson Rodrigues, direção de Ziembinski, é considerada um marco na encenação brasileira. Você saberia apontar a razão?

- a) Até então, os atores apenas liam os textos em cena
- b) Pela primeira vez foi utilizado um palco giratório
- c) O palco foi dividido em três planos de atuação
- d) Personagens masculinos foram interpretados por atrizes
- e) Nenhuma das respostas anteriores

Um dos maiores sucessos do antigo Teatro Ipanema, hoje Rubens Corrêa, foi a peça *O arquiteto e o imperador da Assíria*, de Fernando Arrabal. A montagem revelou ao público um jovem ator que se tornaria um dos mais importantes do país. Quem era esse ator?

- a) Antonio Fagundes
- b) Pedro Paulo Rangel
- c) Marco Nanini
- d) José Wilker
- e) Otávio Augusto

Após brilhante trajetória no teatro inglês, o encenador Peter Brook foi para Paris, onde fundou um grupo reunindo atores de todo o mundo, com o objetivo de pesquisar novas formas de linguagem. Dentre outros, dois espetáculos desta nova fase causaram grande impacto. Quais seriam?

- a) *Os Iks*
- b) *Claudinha está lá fora*
- c) *O interrogatório*
- d) *Mahabharata*
- e) *Confissões de adolescente*

Em seu texto *À margem da vida*, Tennessee Williams impôs à narrativa uma estrutura não convencional. Em que consistia ela?

- a) A trama se passava sempre num tempo futuro
- b) Todas as cenas eram baseadas no Teatro Nô
- c) Várias passagens não continham texto algum
- d) O personagem Tom narrava e vivia a história
- e) Nenhuma das respostas anteriores

O ator e diretor Carlos Wilson, o popular Damião, estudou e deu aulas no Tablado durante muitos anos. A ele devemos algumas iniciativas que, com o tempo, haveriam de virar uma verdadeira coqueluche. Você identificaria alguma abaixo?

- a) Criou o primeiro grupo experimental do Rio
- b) Adaptou para o palco vários poemas épicos de Brecht
- c) Adaptou para o palco clássicos da literatura brasileira
- d) Fez teatro com e para adolescentes
- e) Duas respostas estão corretas

Embora jamais tenha conseguido êxito em sua carreira como diretor, já que todos os espetáculos que encenou fracassaram, ainda assim Antonin Artaud é um dos principais nomes do teatro no século XX. Por que razão?

- a) Após se aposentar, virou excelente crítico teatral
- b) Escreveu *O teatro e seu duplo*
- c) Propôs um “teatro da crueldade”
- d) Combateu fervorosamente o naturalismo
- e) Três respostas estão corretas

Um dos mais importantes dramaturgos brasileiros, Plínio Marcos possibilitou a Tônia Carrero, na pele de uma prostituta, um dos melhores desempenhos de sua carreira. A peça estaria abaixo relacionada?

- a) *Abajur lilás*
- b) *Quando as máquinas param*
- c) *Dois perdidos numa noite suja*
- d) *Barrela*
- e) Nenhuma das respostas anteriores

Questão 1

c) Numa carroça que simulava um altar, Téspis disse: “Eu sou Dionísio”.

Grossa túnica nos ombros e tosca máscara sobre o rosto, Téspis desceu solene e grave os degraus do altar que improvisara sobre uma carroça. E sem esperar que as pessoas se refizessem do inesperado, afirmou: “Eu sou Dionísio”. Foi um sacrilégio e surpreendente momento das festas que a tradição reservava ao deus da alegria; foi também o instante em que, pela primeira vez, um obscuro e arrogante grego se fez aceitar como deus de carne e osso pelos atenienses. E foi o começo de uma aventura espiritual que atravessaria os séculos: o nascimento do teatro.

Questão 2

e) Nenhuma das respostas anteriores.

Aristóteles definia a catarse como algo que purificava a alma das paixões sufocantes: “Ao inspirar, por meio da ficção, certas emoções penosas ou malsãs, especialmente a piedade e o terror, a catarse nos liberta dessas mesmas emoções”.

Questão 3

b) Cântico improvisado das primitivas procissões dionisíacas.

Nas antigas procissões, ao menos em seus momentos mais alegres, os gregos ironizavam pessoas de todas as classes, não raro vestidos de animais e portando falos na cabeça. Essa ironia se manifestava através de cantos satíricos.

Questão 4

c) Excomungou todos os atores.

Durante o período de expansão política de Roma e na fase em que o Império mostrava sinais de decadência, a comédia popular manteve um público certo. E nem mesmo a adoção do Cristianismo - impondo seus valores a um mundo que se fragmentava - foi suficiente para mudar de imediato os costumes. O povo continuava vibrando com a licenciosidade do mimo e da pantomima. No século V, numa de suas primeiras manifestações de autoridade, a Igreja acabaria por excomungar os atores, medida que não foi suficiente para terminar com os espetáculos. Assim, no século seguinte, os teatros foram rigorosamente proibidos de funcionar.

Questão 5

a) O menestrel.

Dotado de impressionante versatilidade, o menestrel ocupou o lugar do poeta culto, especializado na balada heróica. Mas não assumiu apenas a função de poeta e cantor. Era músico, dançarino, dramaturgo, ator, palhaço e acrobata, executando divertimentos de todos os gêneros, desde as canções de baile às histórias de fadas e lendas dos santos. Ele também sofreu a hostilidade do clero, diante do qual sucumbiram os cantores

da corte nos séculos VIII e IX. Assim, a partir dessa época, multiplicaram-se os artistas errantes e vagabundos, que se viam obrigados a procurar seu público pelas estradas e feiras.

Questão

c) Proporcionar a ilusão de milagres e aparições de santos e diabos.

Além de truques técnicos, esses eventos também se caracterizavam pelo extremo luxo de seus figurinos, de uma riqueza extraordinária.

Questão

e) Todas as respostas anteriores.

Lope de Vega reduziu a 3 o número de atos, fundiu os elementos trágicos e cômicos, dinamizou a ação e a intriga, e repeliu as unidades aristotélicas de tempo e lugar. Suas comédias, que se caracterizam pelo lirismo e improvisação, dão mais importância ao dinamismo da ação do que à caracterização sociológica. Essas tendências foram inicialmente combatidas por Cervantes, que se manteve fiel às técnicas clássicas para criar seus dramas de caracteres e paixões, entre os quais Numância, considerada a melhor tragédia espanhola do século XVI.

Questão

e) Três itens acima estão corretos.

Embora os intérpretes devessem seguir os achados cômicos (lazzi) e respeitar os roteiros básicos (canovacci), havia extrema liberdade de variações. Assim, era válida a idéia de que os diálogos se conjugassem com a fantasia do momento. Essa liberdade criadora, paradoxalmente, confinava-se a outra limitação: os atores fixavam-se sempre numa "máscara", especiali-

zando-se em determinado papel, pelo qual ficavam famosos até a morte. Geralmente, o espetáculo mostrava um casal de namorados em luta contra a proibição dos pais, em meio a intrigas e acrobacias dos criados e intervenções do Arlequim, da Colombina, de Pantaleão, do Doutor e do Capitão.

Questão

e) *Romeu e Julieta*.

Certamente a mais bela e trágica história de amor já escrita, Romeu e Julieta gira em torno da paixão entre os protagonistas, ele pertencente à casa dos Montecchio, ela à dos Capuleto, famílias que cultivavam um ódio mortal entre si. Obviamente, nenhuma das famílias admite a possibilidade de uma tal união e a intolerância que exibem se exacerba durante a peça, conduzindo a um destino trágico.

Questão

e) Só dois itens acima estão corretos.

Ao descrever impostores, falsos devotos e maus cristãos, Molière angariou a fúria dos censores. Suas peças continham mais verdade do que seria desejável. Sempre que pôde, o autor não deixou de criticar a estupidez dos nobres, com a mesma irreverência com que mostrou a vulgaridade de camponeses, pequenos comerciantes e burgueses.

* Principal fonte de consulta: *Introdução e História*, edição Abril Cultural.

O altar do incenso

de Wilson Sayão



Personagens:

Isaque - cerca de 60 anos

Rebeca - cerca de 60 anos

Ele

Cenário:

Sala de uma casa antiga, numa espécie de vila. Móveis em estilo colonial. Numa das paredes, retratos dos protagonistas quando tinham vinte e poucos anos, ladeando um de ambos no dia do casamento. Um relógio toca um trecho de música a cada 15 minutos, até que se ouve a melodia inteira (Adágio da *Sonata ao Luar*, de Beethoven) de hora em hora. Após uns 15 minutos, o personagem Ele poderá ser visto, em dois ou três momentos, rondando a casa, vestindo fantasias como as de Bate-Bola, Morcego, Diabo ou qualquer outra que tenha esse caráter insólito de alegria e ameaça, de festa e morte.

“Farás também um altar para queimares nele o incenso; de madeira de acácia o farás. Arão queimará sobre ele o incenso aromático; cada manhã, quando preparar as lâmpadas, o queimará. Quando ao crepúsculo da tarde, acender as lâmpadas, o queimará; será incenso contínuo perante o Senhor pelas vossas gerações”.

(Êxodo, 30.1-7-8)

Prólogo

(Ouve-se um trecho de A força do destino, de Verdi. Voz de locutor de programa jornalístico de rádio, daqueles bem populares)

Voz - Um estranho assaltante está deixando em pânico os moradores de uma vila, na rua José Bonifácio, em Todos os Santos. O misterioso bandido apareceu em duas casas no espaço de um mês, sendo que na primeira, massacrou uma família inteira, adormecida. Já na segunda residência, o louco-fantasiado - como vem sendo chamado o bandido - apenas amarrou e amordaçou os moradores em volta da mesa de jantar e sentou para comer e beber à vontade. Em seguida, de barriga cheia, deitou para fazer a sesta. Uma hora e meia depois, levantou e despediu-se de seus involuntários anfitriões beijando todos na testa. Os moradores da vila, apavorados, estão pedindo às autoridades uma patrulha permanente no local para que possam sentir-se em segurança e dormir tranquilos.

CENA 1

Ao som de *Casinha Pequeninha*, de Ernani Braga, na voz de Bidu Sayão, abre-se a cortina. Madrugada. Na sala, Isaque, de pijama, e Rebeca, de camisola. Ele executa um trabalho qualquer, de escrita à mesa. Ela parece meio perdida.

Rebeca - Eu não estou agüentando, Isaque.

Isaque - O quê?

Rebeca - A vida.

Isaque - Vai fazer alguma coisa.

Rebeca - Já fiz tudo.

Isaque - Já catou o feijão?

Rebeca - Já.

Isaque - Quem mandou? Eu já não disse pra você guardar tudo pra fazer a essa hora?

Rebeca - O que eu admiro em você, Isaque, é essa certeza que você tem de que a gente sofre só porque é burro, só porque cometeu não sei que erro.

Isaque - Catar feijão é a atividade ideal pra você a essa hora.

Rebeca - Agora é tarde. Inês e eu estamos mortas. *(Pausa)* Tem horas que eu me sinto tão preparada para recebê-lo...

Isaque - Agora, por exemplo.

Rebeca - Não abriria a boca, não arregalaria os olhos, e acho que nem o meu coração bateria mais depressa.

Isaque - Então, que que tá esperando pra ir se deitar?

Rebeca - Tenho medo de que ele esteja embaixo da cama, tape a minha boca, me dê uma gravata e você nem me escute me debatendo.

Isaque - Não tem ninguém embaixo da cama.

Rebeca - Ele pode estar encolhido atrás das malas...ou ter se enfiado dentro.

Isaque - Já disse que olhei tudo. Pode ir deitar sossegada.

Rebeca - Não se ofenda, Isaque. Mas não basta.

Isaque - Só basto para o seu sustento.

Rebeca - Também, eu como feito um passarinho...não ando bem vestida, não vou a lugar nenhum, não tenho jóias...

Isaque - E eu? Tenho concubinas e conversível?

Rebeca - Quer um leitinho morno?

Isaque - Você me oferece morno e traz fervendo.

Rebeca - É que eu gosto de ver você derramar no pires e beber feito um gatinho.

Isaque - Não sei o que é que você ganha com essa teimosia.

Rebeca - Ganhar eu não ganho nada sendo coisa nenhuma do que eu sou mas ser o que os outros querem que eu seja vai me fazer perder meu precioso colar de chapinhas.

Isaque - Besteira é essa?

Rebeca - Meu único bem: minha singularidade.

Isaque - Se não estiver morno, eu não tomo, hem?

Rebeca *(Indo para a cozinha)*- Tá bem, querido. *(Sai. Isaque espia em-*

baixo da mesa, do sofá; certifica-se de que a porta da rua está trancada, indo depois até a janela, ficando oculto pela cortina. Quando Rebeca surge com o leite, não o vê e sobressalta-se. Depara com a cortina movendo-se)

Rebeca - Isaque...Isaque... *(Isaque surge de trás da cortina)*

Isaque - Que foi? *(Quando o vê, Rebeca grita)* Que isso, escandalosa?

Rebeca - O que era que você estava fazendo ali?

Isaque - Vendo se estava tudo bem fechado. *(Retoma seu trabalho à mesa)*

Rebeca - Você escutou algum barulho...

Isaque - Escutei porra nenhuma.

Rebeca - Escutou sim. Você quer me enganar. Não quer me botar nervosa. Mais do que eu já ando, não posso ficar, Isaque...*(Põe a xícara na mesa)*

Isaque - Não parece.

Rebeca - Não pareço? Eu nem durmo direito. Só cochilo. E apenas o tempo necessário pra me ver beijando alguém na boca.

Isaque - Besteira é essa?

Rebeca - Já estou pra te contar há muito tempo, Isaque.

Isaque - Contar o quê?

Rebeca - Não sei quem é que eu estou beijando. Não sei se é você. Você não acha isso grave?

Isaque - Ah, Bebeca, vai fundo!

Rebeca - Fico tão impressionada! Só vejo a mim. Sei que sou eu, porque a mim eu reconheço até no escuro. Mas o outro vulto...queria tanto que fosse você!

Isaque - Ah, sem essa, Bebequinha! Eu sou o candidato menos provável.

Rebeca - Você é tão franco, Isaque! Às vezes eu tenho vontade de escrever um livro chamado "Porque me ufano de meu Isaque".

Isaque (*Vê a xícara*) - Me dá logo essa merda, porra!

Rebeca - Ih, Zaque, desculpe... A essa altura já está gelado!

Isaque - Eu tomo assim mesmo. Me dá.

Rebeca - De jeito nenhum, amor de minha vida. Eu esquento com muito prazer outra vez. (*Sai para a cozinha. Isaque vai até uma porta à direita, abre-a, acende a luz do cômodo, perscruta-o. Apaga a luz, fecha a porta e volta para seu lugar à mesa. Entra Rebeca com o leite, entrega a Isaque*)

Isaque (*Após dar um gole*) - Ah, desgraçada! Tá quente, hem? Meu céu da boca já parece um cu despregado!

Rebeca (*Apalpando um carço embaixo do braço esquerdo*) - Isaque, você sabe de que eu acho que estou mais cansada?

Isaque - Você já me disse.

Rebeca - Será que todo mundo está cansado assim da vida? Eu queria conhecer outras pessoas pra ver se...

Isaque - Por que você não faz logo esse exame de uma vez?

Rebeca - Tudo demora tanto! Já pensou como eu não ia ficar entre o exame e o resultado?

Isaque - Melhor saber logo do que ficar aí se apalpando.

Rebeca - Qualquer dia eu vou.

Isaque - Qualquer dia...

Rebeca - Adiei pra qualquer dia tanto projeto bom na minha vida...Por que logo esse eu vou me obrigar a cumprir? É isso mesmo. Acabei de decidir: eu nunca vou fazer esse exame. Assim eu me consolo e vingo os outros qualquer dia que viraram nunca.

Isaque - Você é que sabe. Cada um sabe o que faz com seu carço.

Rebeca - Que que você acha que ele vai fazer com a gente, Isaque?

Isaque - O importante é que ele não nos encontre indefesos, dormindo.

Rebeca - Eu acho que preferia estar dormindo. Assim com a luz acesa, pode ser que ele nem tente nunca.

Isaque - Vai atrás...

Rebeca - Depois, não é só a nossa casa que falta. Ele pode ser preso antes de chegar até aqui.

Isaque - Você não tem vergonha,

não, de ainda falar em Polícia, numa época dessa, de impunidade e safadeza?

Rebeca - Quais as outras casas que faltam?

Isaque - Daquele casal com o recém-nascido, do capitão e daquela fiscal do Trabalho.

Rebeca - Você acha que ainda não é hoje?

Isaque - Sei lá!

Rebeca - Quem sabe ele nos vê passar, não é? E até simpatiza com a gente...lembra dos pais, da infância...

Isaque - Ah, deixa de pieguice, sim? Ele deve ter sido um desses meninos de rua, abandonados pelos pais, cheiradores de cola, da Candelária. Se nós lembrarmos os pais dele, aí mesmo é que estamos fodidos.

Rebeca - Você acha que ele chegou a dormir na rua?

Isaque - Com certeza. Você não vê que ele pega sempre as pessoas dormindo ou então deita pra dormir? Ele tem fixação em cama, lençol, travesseiro...

Rebeca - Coitadinho! Nesse ponto eu dou razão a ele. Eu também se dormisse na rua, ia ser uma peste muito pior do que ele. (*Ouve-se o som musical do relógio. O personagem Ele pode ser visto rondando a casa*)

Isaque - Ah, por favor, sim, Rebeca?

Só falta agora você defender esse desvairado...

Rebeca - Eu gosto tanto de conversar com você, Isaque. Não fosse essa...ameaça...o tempo todo, a nossa felicidade seria perfeita, você não acha? Às vezes eu tenho a impressão de que estou num piquenique, olhando pro céu toda hora, com medo que chova e estrague a nossa festa. Com medo de uivos e relâmpagos que a luz da manhã tem ridicularizado sempre.

Isaque - Ah, vai dormir, vai, Rebeca, que o teu mal - e dos outros maus poetas - é falta do que fazer e insônia.

Rebeca - Não quero ficar sozinha lá dentro.

Isaque - Você me atrapalha aí tagarelando. Você é muito prolixa...uma coisinha rende um assunto que não acaba. Que que você pensa que eu estou fazendo aqui?

Rebeca - Escrevendo várias vezes e de diferentes maneiras o seu nome.

Isaque - Andou bisbilhotando, é? Mau caráter!

Rebeca - Fiquei muito preocupada, Isaque...

Isaque - Preocupada com quê, demagoga? Cuida da tua vida!

Rebeca - Que você talvez esteja ficando senil ou esclerosado ou qualquer coisa assim.

Isaque - Esclerosado tá o teu rabo,

que esqueceu que serve pra outra coisa além de fazer cocô.

Rebeca - Isso é hora de você me pedir...isso, Isaque? Francamente!

Isaque - Francamente digo eu...

Rebeca - O que é isso: "Isaque... Isaac...Isac...Isak...?" Fiquei tão impressionada!

Isaque - É uma coisa muito séria e muito importante.

Rebeca - É difícil acreditar. Encher folhas e folhas com o seu próprio nome, feito a última página de um caderno escolar...

Isaque - Pense o que quiser. Eu não vou me dar o trabalho de te explicar.

Rebeca - Por favor, Isaque...Eu queria tanto que você me explicasse...Por favor! Você sabe como eu gosto de compreender as pessoas e as coisas... E você sempre foi o meu professor preferido.Você explica tudo tão bem..

Isaque - Não vale a pena.

Rebeca - Vale sim. Diariamente a gente faz coisas tão mais inúteis e menos nobres do que tentar compreender melhor uns aos outros...

Isaque - Eu estava esgotando todas as possibilidades de tradução gráfica do som do meu nome.

Rebeca - Como assim?

Isaque - Cada forma equivale a uma personalidade e um destino que eu podia ter tido, compreende?

Rebeca - Como assim?

Isaque - Tem sido uma intensa experiência emocional e psicológica.

Rebeca - É, meu filho?

Isaque - Eu me sinto agora ainda mais convencido da minha multiplicidade. Nessas madrugadas - só pra você ter uma idéia - eu fui um maestro, um pastor de ovelhas, um romano que debochou de Cristo, um romano que se apiedou de Cristo, um turista excitado e ridículo, um filósofo que disse apenas uma frase e ficou célebre...

Rebeca - Que lindo, Isaque! Estou tão comovida! Eu sou mulher de vários homens diferentes e não sabia! Que maravilha! E o que é melhor: sem trair você, meu querido!

Isaque - "Nem a vida nem a morte são o que até hoje delas se disse".

Rebeca - Agora quando eu não tiver o que fazer assim de madrugada, vou brincar disso também, você deixa?

Isaque - Ah, vai amolar outro. *(Recolhe seus papéis e dirige-se para o quarto)*

Rebeca - Êi, maestro Isaque Karabitchevski! Não vai deitar, não...Fica aqui conversando comigo...

Isaque - Vai debochar da puta que te pariu!

Rebeca - Eu debochar de você, ma-

rindo? Você sabe que nós somos citados na Bíblia?

Isaque - Besteira é essa?

Rebeca - É sim...no Velho Testamento! Nós, não... Outro Isaque e outra Rebeca, mas isso não faz com que você se sinta antigo e eterno? Eu já tenho essa sensação há muito tempo...você não?

Isaque - Não estou com sono nenhum.

Rebeca - Mas não podemos ficar aqui conversando a vida inteira, enquanto não acontece alguma coisa. Se essas nossas vigílias fossem uma peça de teatro, por exemplo, a platéia não nos perdoaria por estarmos aqui tagarelando assim sem rumo. Eu sei porque fui muito ao teatro quando era moça, e reparei que todas as peças se pareciam, eram assim feito um coito: os jogos preliminares iam esquentando até explodir no orgasmo.

Isaque - O que você precisa é descobrir também uma atividade, um ritual secreto qualquer em vez de invejar e bisbilhotar o dos outros.

Rebeca - Vou pensar nisso.

Isaque - Ué, vai dormir?

Rebeca - Vou...já está claro o dia. *(Entra no quarto. Isaque pega uma folha de papel. A princípio, êle lê seu poema, mas depois abandona o papel)*

Isaque - Isaac... Isac...Isak...Isaac viu

a uva. Rebeca não viu a uva que Isaque escondeu na compoteira. Isaque está com fome. Rebeca fez para Isaque uma sopa de vidro e de mel. Rebeca tira comida do dente e come. Ihzaque...Issaque...Issake... Isaque queria ficar viúvo e se amigar - casar de novo, nunca! - com uma linda jovem sem família e muda, de peitinhos duros e duas grutas bem escuras...Para Isaque se esconder. Ih, Zaque, Ihhhhhh, Zaque... Isaque está sem tesão. Rebeca - Dalila cortou o cabelo. Rebeca - Dalila - Salomé cortou a cabeça e o culhão de Isaque - João Batista - Sansão. Isaque... Isaque...Isaque... Isaque está sem sono. Isaque está sem vontade de viver. Isaque está com medo. Medo de quê, bobão? Da mesa da sala, onde parece que está vendo um caixão. Medo de quê, bobão? Da mosca tonta dentro da cristaleira, que parece a Morte brincando de bailarina. Medo de quê, palhação? Do ladrão, do ladrão, Laaaadrrrãooooo! Isaque está muito aflito. Isaque está muito triste. Isaque está muito só. Isaque está mais só do que esse guarda-noturno que pelo menos tem seu capote, seu apito, sua noite e seu trabalho. Isaque só tem Rebeca. Rebeca parece uma rainha de baralho. Isaque não tem porra nenhuma. Nem um cachorro,

um papagaio, um filho...Eu não!...Pra quê que eu quero filho? Pelo menos pra xingar e pra culpar por ter perdido a vida e o bonde. *(Escurecimento ao som musical do relógio. Sombra do personagem Ele na janela)*

CENA 2

(Isaque escreve à mesa. Rebeca não consegue fazer nada. É a madrugada seguinte)

Rebeca - Me sinto tão idiota às vezes! Por que a nossa tem que ser a próxima? Quem garante que ele vai voltar?

Isaque - Você não tem vergonha, não, dessa ingenuidade, desse otimismo, no meio dessa Sodoma e Gomorra?

Rebeca - Não. Nunca tive vergonha de nada do que eu sinto nem do que eu sou, de nenhum pedaço de mim mesma.

Isaque - Então, coma-se! Faça bom proveito!

Rebeca - Por que que a gente não se muda daqui, Isaque?

Isaque - Porque eu daqui só saio pro São João Batista!

Rebeca - É, eu também não tenho vontade de sair da minha casa, não. E mudar pra onde, né? Onde é que ainda se pode ter sossego nessa ci-

dade, nesse mundo? Tenho certeza de que não ia ser feliz em nenhuma outra parte. Você já separou mesmo tudo pra dar a ele?

Isaque - Já.

Rebeca - Botou aonde?

Isaque - No "cachepot". Tirei a comigo-ninguém-pode e joguei tudo lá dentro.

Rebeca - E botou onde a minha planta, Isaque?

Isaque - No quintal.

Rebeca - Ah, mas de lá ela não vai poder cegar meus inimigos...Eu achava melhor fazer assim uma triilha pelo chão, do nosso quarto até a porta da rua. Assim era só ele ir cantando e saindo...E a gente não precisava esperar acordado. (*Isaque examina o conteúdo do "cachepot": jóias, dólares, ações, barbeador, secador de cabelo etc.*) Será que ele não vai perceber que é tudo falso, Isaque? Quem somos nós pra ter jóias, ações e dólares? Eu tenho medo de que ele me retalhe a cara e corte o teu saco por causa disso. Acho que a gente devia dizer que não tem nada de valor.

Isaque - Já discutimos isso, não já?

Rebeca - Eu não entendo, sinceramente, o que que esse desvairado viu nessa vila...Quem não vê logo que você é um João-ninguém, que só tem sua aposentadoria e uma poupan-

çazinha, pra uma emergência? Pra que que esse desgraçado quer seu barbeador, meu secador de cabelos, minha aliança? Ah, minha aliança não vou dar mesmo...(*Esconde a aliança dentro do sutiã*) Você acha que ele vai...abusar de mim, Isaque?

Isaque - Olha o vexame, Rebeca. Olha o "Estatuto da Gafieira"!

Rebeca - Não se preocupe que eu vou ter o cuidado de não macular sua dignidade de funcionário público aposentado por cardiopatia grave.

Isaque - Vê lá se vai deixar escapar que eu fui da Previdência, hem?

Rebeca - Toda rua sabe disso, Isaque. Quando eles vão numa casa, sabem tudo sobre os moradores...

Isaque - E daí? Que que você quer dizer com isso?

Rebeca - Eu, hem! Não quero dizer nada, não, Isaque.

Isaque - Você melhor do que ninguém sabe que eu nunca trouxe um lápis, uma folha de papel, um envelope da Agência! Nunca aceitei um tostão de ninguém. Não tenho bem nenhum além dessa casa, financiada em quinze anos e que ainda nem está quitada. Não tenho rabo preso, não, não tenho nada que esconder. Você, melhor do que ninguém, sabe.

Rebeca - Claro, Isaque. Eu deponho a seu favor em qualquer inquérito,

não se preocupe. Não sou como essas Madalenas Arrepentidas, não, que se aproveitam bem e depois malham. Nunca aproveitei nada porque você também nunca teve nada. Pra ser franca, a única coisa que eu vi você trazer em trinta anos foi aquele grampeador.

Isaque - Você não esquece isso, hem? Você não tem...coração! Não sabe mesmo perdoar uma fraqueza...

Rebeca - Claro que eu sei, Isaque. Você não me conhece. Ainda que você tivesse trazido pra casa a repartição inteira...

Isaque - É, mas ainda bem que não trouxe. Ainda bem que nunca me deixei tentar. Hoje, com tudo que está acontecendo, tava com o cu na seringa.

Rebeca - Será que essa camisola é transparente? Eu não quero que ele pense que eu estou me oferecendo...
Isaque - Ora, dê-se ao respeito, Rebeca!

Rebeca - Você está querendo dizer que o meu corpo talvez ninguém aceitasse nem ele se oferecendo, que dirá tomá-lo à força?...

Isaque - O que eu estou querendo dizer é que você está patética com essas...indagações!

Rebeca - Existem diversos tipos de desejo, Isaque. Você nunca teve von-

tade de tocar na pessoa sentada ao seu lado no cinema?

Isaque - Que ataque é esse, hem? Você parece que está recebendo aquele espírito que você recebia quando era moça...a "Putá Iracema"!

Rebeca - Você nunca teve vontade de que alguém te tocasse num elevador?

Isaque - Que papelão, Rebeca! Estou começando a ficar constrangido.

Rebeca - Ah, meu Deus, até quando? Já estou tão cansada...

Isaque - Vai se deitar...

Rebeca - Ai, meu Deus...Até quando eu vou esperar o dia assim, feito a lua? Tô tão cansada, meu Deus! Tão farta de tudo! *(Ouvem-se gritos e exclamações de uma mulher que chora e diz: "Edgard! O neném...O neném sumiu, Edgard! Meu Deus! Ah, minha Nossa Senhora!" Em seguida, uma voz masculina: "Alguém levou ele...A janela está aberta! Sua mãe não ficou aqui com ele?" E a mulher: "Mamãe está dormindo na cadeira de balanço! Mamãe! Mamãe!" O homem: "Ela está morta, Vanda!" A mulher: "Socorro! Minha mãe morreu dormindo e levaram o meu filho! Não pode ser verdade! Isso não está acontecendo! Edgard, faz alguma coisa, chama a Polícia! Socorro!" O homem: "Onde é que você vai, Vanda? Vanda!". Há sons, luzes e movimento lá fora, como se vizinhos tivessem ido*

até a casa onde estão acontecendo essas coisas. O homem: "Alguém me ajude aqui, por favor!". Rebeca corre para a porta e tenta abri-la)

Isaque - Onde é que você pensa que vai?

Rebeca - Temos que ver o que foi, Isaque.

Isaque - Tem nada que se meter nisso.

Rebeca - É aquela moça aqui de frente...Aconteceu alguma coisa com a criança.

Isaque - Quer levar um tiro por dentro da cara?

Rebeca - Que tiro? Por que tiro?

Isaque - Amanhã a gente fica sabendo.

Rebeca - Você acha que foi ele?

Isaque - Que que você acha?

Rebeca - Que será que ele fez com a criança?

Isaque - Que que você acha?

Rebeca - Deixa eu saber, Isaque.

Isaque - Que que vai adiantar, enxerida?

Rebeca - Que falta de humanidade, Isaque! Estão vendo que estamos acordados!

Isaque *(Apaga a luz)* - Quer ser chamada pra depor? Quer mais aporrinhação?

Rebeca - Como é que você pode ser assim?

Isaque - Quer mais aporrinhação, fofoqueira? *(A agitação lá fora foi se acalmando, as luzes se apagando)*

Rebeca - Eu não vou ter mais cara de olhar pra eles...São tão novos!...É o primeiro filho!

Isaque - Já não olhavam mesmo pra cara da gente...

Rebeca - Nós também éramos assim quando casamos e viemos morar aqui! É timidez, insegurança e vergonha de ainda não ter realizado nem modificado nada.

Isaque - Tá vendo? Já está tudo calmo...Já devem ter tomado todas as providências. É sempre assim: tudo começa a se ajeitar assim que começam a velar até que enterram os mortos. Com o tempo, mesmo uma casa arrombada, uma mãe assassina ou um filho seqüestrado não são coisas que impeçam alguém de viver, nem de tomar um sorvete. *(Amanhece)* Vem...Vamos deitar.

Rebeca - Não quero.

Isaque - Então fica aí feito uma velha maluca. *(Sai)*

Rebeca - Eu queria tanto ter uma espécie de altar pra queimar meu próprio incenso! Eu queria tanto ser uma bruxa! Mas se me aparecesse uma forma torta na fumaça, o que será que eu pedia pra ela me dar? Bom, se fosse um pedido só, o que será que

eu pedia? O que será? Ah, é, eu pedia pra ela me livrar desse dinossauro que ronda o nosso piquenique.

CENA 3

(Madrugada seguinte. Isaque às voltas com seus papéis; Rebeca à tóa, tensa. Som do relógio indicando a passagem de algum quarto de hora)

Rebeca - Na verdade, fora duas ou três mortes inconsoláveis, nada de muito penoso me aconteceu até hoje.

Isaque - Então?

Rebeca - Mas é que eu tenho sofrido tanto esperando o momento de sofrer!

Isaque - Você é tão repetitiva, Rebeca!

Rebeca - Você vê esse negócio do menino ontem...A gente aqui imaginando mil e uma desgraças...E não aconteceu nada demais...

Isaque - Nada demais porque o filho não é seu. Nem a mãe é sua.

Rebeca - Coitadinha da Dona Ester! Deve ter enfartado do susto de ver aquele Morcego pegando o menino no berço...Coitada! Se ela soubesse que ele só ia dar uma volta pelo quintal e pelo telhado com a criança, talvez não morresse, não é?

Isaque - Você diz cada bobagem, Rebeca! Já imaginou o que ele não

fez com a criança durante esse passeio?

Rebeca - Você acha que ele estuprou o menino?

Isaque - Que que você acha?

Rebeca - Ah, eu não acredito que alguém tenha coragem de fazer isso com um bebêzinho...Tanta mulher por aí, com a bunda tão grande...

Isaque - É um tarado, descarado, sem-vergonha!

Rebeca - Mas dizem que a criança estava tão bem, no berço, quietinha, dormindo, quando os pais voltaram da delegacia...

Isaque - Ele deve ter dado alguma coisa pro bebê tomar, cheirar ou o que é pior, mamar!

Rebeca - Você acha?

Isaque - Você tem alguma dúvida? É um pedófilo devasso!

Rebeca - Ah, coitada dessa mãe...

Isaque - E desse pai.

Rebeca - Ainda bem que nós não tivemos filhos, tá vendo? Já imaginou?

Isaque - Não quero nem imaginar. Eu cortava em rodela a pica de um desgraçado desses.

Rebeca - Ele deve ser louco...O sobrinho do capitão disse que viu quando ele passou correndo, fantasiado de Morcego!...

Isaque - Esse garoto dorme menos do que a gente, hem?

Rebeca - Eu tinha pavor de morcegos quando era menina. Mijava na cama quando via um no Carnaval. Minha madrinha me levava pra ver a decoração da cidade todo ano, no Natal e no Carnaval. As pessoas às vezes são tão ternas...*(Som do relógio, fora de hora e de ritmo)*

Isaque - Ué?!

Rebeca - Ué?! *(Isaque pega o relógio)* Leva no relojoeiro amanhã, Isaque. Gosto tanto desse relógio...*(Isaque pega uma chave de parafuso)*

Rebeca - Tem certeza de que você sabe o que está fazendo, Isaque?

Isaque - Absoluta!

Rebeca - Não quero nem ver...Eu queria tanto que alguém me perguntasse algum dia: quem é você, Rebeca, como você se define? Eu sou e sempre fui uma lagarta que por uma razão qualquer não conseguiu se transformar em borboleta. *(Isaque abre o relógio. Rebeca enfia um cream-cracker na boca. Tosse, engasga. Pede, por mímica, que Isaque lhe dê umas palmadas nas costas)*

Isaque - Não bato nada. Quem manda ser esfomeado, tubarão? Pode estertorar aí que eu nem me mexo.

Rebeca - Que coisa horrível deve ser morrer sufocada!

Isaque - É bem feito. Come feito uma esganada, feito uma mendiga que

nunca vê comida! Inferno! Ah, não tenho paciência pra isso, não! *(Fecha o relógio e recoloca-o em seu lugar habitual. Volta aos seus papéis)*

Rebeca - Consertou?

Isaque - Sei lá...Que se dane!

Rebeca - Pode me emprestar uma folha de papel, por favor? *(Isaque estende a folha)*

Isaque - Quer tudo nas mãos! *(Joga furiosamente uma caneta na direção da mulher)*

Rebeca - Estúpido!...Podia ter me cegado! *(Rebeca escreve ou desenha na folha)*

Isaque - Me imitando, é?

Rebeca - Estou construindo meu próprio altar. Pra queimar meu próprio incenso.

Isaque - Besteira é essa?

Rebeca - Está na Bíblia.

Isaque - Deu pra isso agora, é?

Rebeca - Atualmente eu só gosto de ler bula de remédio e a Bíblia.

Isaque - Tá psicografando alguma mensagem?

Rebeca - Estou compondo uma prece pra eu rezar nas minhas horas de agonia.

Isaque - Andou mexendo na minha pasta, não andou?

Rebeca - Li, sim, o seu poema. E gostei tanto que também tive vontade de escrever o meu.

Isaque - Invejosa! Plagiadora! *(O relógio toca sua melodia, só que de trás para frente)*

Isaque - Ué?!

Rebeca - Viu o que você fez com ele, Isaque? *(Isaque volta aos seus papéis. Rebeca dá um escandaloso bocejo, assustando o marido)*

Isaque - Ê!...Vai-te embora! Abandona esse corpo que não te pertence!

Rebeca - Pra mim, chega. Já produzi muito essa madrugada... *(Bate com o pé direito no chão)* Estou com má circulação...Não posso ficar com a perna cruzada muito tempo que parece que eu tenho perna de pano. *(Vai para o quarto capengando)*

Isaque - Perna de pano, braço de pano, bunda de pano...

Rebeca - Isaque, se ele me matar, eu quero dizer, se ele matar só a mim, o que é que você vai fazer da sua vida?

Isaque - A primeira coisa que eu vou fazer é tratar de providenciar o seu enterro.

Rebeca - E se ele for logo atirando em nós dois, sem aquela "exposição de motivos" dos assassinos de televisão?

Isaque - A gente cai no chão e finge que está morto, mesmo que esteja vivo. Já não cansei de ensinar?

Rebeca - Já. Você já cansou de me ensinar e eu já cansei de ensaiar essa cena na minha cabeça. Mas será

que alguma vez eu consegui ser a pessoa que ensaiei?

Isaque - Eu só quero, pelo menos, antes de morrer, aleijar ele. Quando ele for saindo, eu saco o revólver... *(Saca um revólver)* e meto-lhe uma bala bem no meio da coluna...entre L5 e S1 pra ele ficar paralisado e broxa. *(Atira e acerta o lustre. Rebeca grita)*

Rebeca - Viu o que você fez? Eu já disse a você que não quero tiro aqui dentro.

Isaque - Vou esperar ele sair pra atirar?

Rebeca - Eu não posso imaginar um corpo sangrando, se contorcendo aqui na sala, feito que a minha casa fosse uma esquina, um mata-gal...Eu não posso imaginar um outro corpo coberto com o nosso lençol.

Isaque - A minha vontade era mandar instalar um dispositivo ali na porta, pra ele cair eletrocutado assim que pusesse a pata aqui dentro.

Rebeca - Não, Isaque, por favor. Eu não quero que a minha sala pareça um porão de tortura, um campo minado. Além do mais tem a janela, a porta dos fundos, o quintal...Como é que a gente vai saber por onde é que ele vai entrar?

Isaque - É, mas uma coisa eu vou comprar amanhã, com ou sem a sua aprovação.

Rebeca - O que é?

Isaque - Dois coletes de aço.

Rebeca - Ah, não, Isaque...Eu não quero parecer um cavaleiro medieval!

Isaque (*Indicando*) - Pega daqui até aqui. Pra você, vai ser até bom: vai servir de colete ortopédico e de cinta.

Rebeca - Você tá me chamando de barriguda uma hora dessa, Isaque? Francamente!

Isaque - Estou. De barriguda e de aleijada.

Rebeca - Isaque, se você morrer eu tenho direito a quê?

Isaque - A ter um ataque sobre o meu corpo, gritando que era você quem devia ir primeiro.

Rebeca - A gente tem que ser realista. Você morre aí, de repente, como é que eu fico?

Isaque (*Imita um cego*) - "Leva a lixa a um cruzeiro...Leva a lixa a um cruzeiro...Compra, moça, pra me ajudar..."

Rebeca - Que mau gosto!...Isaque, você nunca fez um seguro pra mim?

Isaque - Ora se eu ia ter uma despesa dessas a vida inteira pra te deixar numa boa, viúva de boca pintada e xoxota coçando...Que é? Que que tá me olhando? Nunca me viu não?

Rebeca - Às vezes parece que não. (*O relógio soa estridente, como um despertador*)

Isaque - Eu, hem!

Rebeca - Eu, hem! (*Amanhece. Isaque vai para o quarto. Rebeca se ajoelha diante de seu retrato*) - Valei-me,

Rebeca, valei-me! Breve na sua tela um filme de horror, de dor e de humilhação. Breve na sua parede som-

bras de cenas incompreensíveis. Oh, Reb, querida, que será que o anjo da cicatriz vai fazer das suas artérias e entranhas entupidas? Que será que o Debochado vai fazer da tua digni-

dade, meu amor? (*Isaque surge sem ser visto*) Valei-me, Rebeca, valei-me! Faz com que esse cangaceiro entre de uma vez aqui por dentro porque - sinceramente - eu não agüento esses dias corcundas e vesgos. Depois, Reb querida, me deixa dormir sossegada depois do almoço, pra sempre. Ou então, como se eu fosse um colchão, me enche de palha, como se fosse alegria. E como se eu fosse um pote, me enche de vida, como se fosse leite e aveia.

(*O relógio emitiu, durante a prece de Rebeca, um trecho completo da Sonata ao Luar, sem atropelos*)

Isaque - Escutou? Tocou direitinho!

Rebeca (*Erguendo-se*) - Que falta de respeito, Isaque! Escutar uma pessoa rezando!

Isaque - Vai dar pra essa palhaçada agora, é?

Rebeca - Vou. O meu santo nome eu posso invocar em vão quantas vezes forem necessárias.

Isaque - Eu acho que além do colete de aço eu vou comprar também uma camisa de força.



CENA 4

(*Outra madrugada, meses depois. O relógio emite com perfeição o trecho musical completo, enquanto Rebeca entra, vinda do quarto, usando um vestido de noiva amarelado, com véu, grinalda e buquê meio danificados, estilo 1950. Isaque está assistindo a um filme de terror na TV e quando a vê, estremece*)

Rebeca - Estou tão feia assim?

Isaque - Credo! Nem sei que que eu pensei agora...Pensei que era minha mãe.

Rebeca - Cruzes! Você sabe como ofender uma pessoa, Isaque. (*Simulando o caminho da noiva para o altar, anda na direção dos retratos na parede*) Gosto de ver minha casa assim: como um altar!

Isaque (*Desligando a TV*) - Ô filme chato! Vai dar pra se fantasiar também agora, é?

Rebeca - Você se lembra como nós éramos antes disso?

Isaque - Antes de quê?

Rebeca - Desse...dessa...ameaça. Dessa vigília ansiosa.

Isaque - Vai começar com bobagem?
Rebeca - Com o que era que nós nos preocupávamos, você é capaz de se lembrar?
Isaque - Em acabar de pagar essa casa, eu acho.
Rebeca - Ah, é...Esse templo ainda não era nosso. É...isso era uma das coisas...E o que mais nos incomodava?
Isaque - Seus carços.
Rebeca - Sua pressão alta, seu ódio aos bem sucedidos...
Isaque - Suas crises de depressão...
Rebeca - E do que era que nós tínhamos medo antes disso?
Isaque - Das doenças...dos desastres...da desgraça...
Rebeca - Não fala essa palavra, Isaque. Dizem que a casa roda três vezes.
Isaque - Besteira!
Rebeca - O que era que nos envergonhava e irritava antes desse....colete?
Isaque - Seu joanete...
Rebeca - Aquela sua fase de incontinência urinária...
Isaque - Se você algum dia disser a alguém que eu já mijei na cama, você nem sabe do que eu sou capaz!
Rebeca - É...Éramos bem parecidos...Nunca deixamos de rezar esse terço diário, a vida inteira...Eu pensei que talvez tivesse sido diferente algum dia. Pensei que tivesse sido tranquilamente feliz alguma vez.

Isaque - Pieguice, não, Rebeca, por favor.
Rebeca - Esse colete me incomoda.
Isaque - A mim incomoda tanto quanto a você.
Rebeca - Ai, Isaque, bem que eu tento me mirar no seu exemplo, bem que eu tento ser um bravo soldado, um faquir desprendido, mas que que eu vou fazer? Eu dou pra tudo menos pra sentinela e faquir. Se a minha cama fosse de pregos, eu não dormia, nem deixava ninguém dormir, enquanto não me atirassem um edredom e um travesseirinho. (*Ouve-se um helicóptero*)
Rebeca - O que é isso?
Isaque - Um helicóptero, não está vendo?
Rebeca - Há quanto tempo eu não escuto passar um avião! Isso está me lembrando alguma coisa boa da minha vida.
Isaque - Não se assanhe, não, que coisa boa é que não deve ser. Que que um helicóptero vai estar fazendo por aqui?
Rebeca - A minha sensação é a de que estão procurando por mim. Você não sente isso não?
Isaque - É bem possível que estejam procurando Rebeca, a infeliz que não sabe que está ficando louca.
Rebeca - Isaque, você sabe que o

“verdadeiramente vestido não pergunta ao nu: onde está tua roupa?”
Isaque - De quem é essa frase idiota?
Rebeca - Não sei. Acho que é minha mesmo. Queria tanto me vestir pra sair, pra jantar fora, pra ir no programa da Hebe...
Isaque - Não tem auto-estima, não? Vai frequentar auditório agora?
Rebeca - Que auditório! Eu queria ser entrevistada pela Hebe ou pelo Jô Soares...
Isaque - Eu já disse que não quero ouvir falar nessa gente aqui dentro!
Rebeca - Vai começar com isso de novo? Acho tão feio esse despeito seu...
Isaque - Despeito! Eu também sempre tive muito carisma. Sempre fui representante de turma. E também tenho muito senso de humor, e meu QI é altíssimo! E quando era adolescente, criei uma revista em quadrinhos chamada “O sargento Bob”... com desenhos e tudo. E....
Rebeca (*Tirando o colete*) - Vou tirar isso aqui...Não tô aguentando...Vade retro, Príncipe das Trevas! Revertere ad locum tuum, Gavião das Taperas!
Isaque - Tira....Tira e estufa o peito pras balas, pra peixeira dele.
Rebeca - Também, a gente se martirizando assim, que que adianta ainda estar a salvo? Quem foi mesmo que disse: “Não pergunte. Não per-

gunte nem fique aflito, que o dia vai chegando e vai indo?"

Isaque - Algum incoseqüente.

Rebeca - Acho que foi Jesus Cristo.

Isaque - É bem possível.

Rebeca - Mas nem Jesus Cristo você poupa?! (*Atira longe o colete*) Você sabe? Eu estou gostando cada vez mais dessa posição de vítima...de credora da vida. Estou me sentindo ótima assim indefesa e miserável. (*Ouve-se o som característico dos carros de bombeiros, rádios-patrolhas e ambulâncias*)

Rebeca - O que é isso, Isaque?

Isaque - Bombeiros...Rádio patrulha...

Rebeca - Não são sirenas de ambulância?

Isaque - Vai ver que dessa vez, depois de assaltar e matar, ele ainda botou fogo na casa.

Rebeca - Vamos ver o que foi.

Isaque - Pra quê? Vai fazer o quê? Os bombeiros não já chegaram? Fazer o quê lá?

Rebeca - Você não está sentindo um cheiro de queimado? Será que eu deixei o pano de prato em cima do fogão aceso? (*Os dois correm para a cozinha, esbarrando um no outro. Os óculos de Isaque caem. Ambos se abaixam para pegá-lo e ao erguer-se, Isaque dá uma cabeçada em Rebeca*)

Isaque - Merda! (*Examina os óculos*)

Aí!...Aí o prejuízo, "rompe-mato", "quebra-louça"!

Rebeca - Ai! Me machucou! Que estupidez! A gente ainda vai ajudar, ele vem com brutalidade...

Isaque - Aí, quebrou a lente. Amanhã você é que vai levar. Vai ficar na porta da Ótica esperando abrir.

Rebeca - Tá, mão de vaca, pode deixar que eu pago também. Pode descontar da minha mesada. (*A luz cai em resistência, ainda ao som das sirenas*)

CENA 5

(*Isaque está lendo um jornal, à mesa. Tocam três vezes a campainha, como um código ou senha. Mesmo assim, Isaque, mais tenso e estressado do que nunca, olha pelo olho mágico para ter certeza de quem é. Entra Rebeca, esbarrada, com uma saca de supermercado. Isaque volta a ler*)

Rebeca - Que coisa horrível, Isaque! Você nem imagina. Um incêndio num bazar de fogos...Eu nem sabia que morava perto de um lugar desses, você sabia? Um depósito clandestino de fogos e até armas e munições perigosíssimas, veja você! (*Ela está tirando as compras da saca*) Que horror! Você não diz nada, Isaque?

Isaque - Estou lendo tudo aqui. Pra que que eu assino essa merda?

Rebeca - Você nem imagina...Tudo destruído em volta...Casas, ônibus, postes...

Isaque - Uma moça tinha acabado de entrar com os dois filhos: um de oito, outro de quatro anos...

Rebeca - É...pra comprar balão e estrelinha. Que tragédia!

Isaque - Desgraçado! Filho da puta!

Rebeca - Quem, Isaque? Isso não teve nada a ver com ele...

Isaque - É só ganância e putaria! Afundam barcos, mandam gente pelos ares, mentem, enganam, roubam, exploram, matam...Ah, que se fodam! Que ardam todos numa grande fogueira.. o raio que os parta!

Rebeca - De quem você está falando?

Isaque - Que explodam todos, o país todo, o mundo todo como um foguete dirigido pelo demônio! É escândalo atrás de escândalo! Vergonha atrás de vergonha! Desgraça atrás de desgraça! Ai, que dor de cabeça...Minha cabeça parece que vai explodir...e o peito...e a barriga...e a batata da perna...e as veias do pescoço...

Rebeca - Que isso, meu filho? Que que você está sentindo?

Isaque - Eu queria subir no Corcovado e metralhar essa cambada toda...

Rebeca - Metralhar quem? Que que você tem, Isaque?

Isaque - Ai, minha cabeça! Que vontade de vomitar!

Rebeca - Não vomita, não. Fica quietinho. Quer um Passiflorine? Respira fundo...*(Isaque segura a cabeça, está tendo um acidente vascular cerebral)*

Rebeca - Ô meu Deus! Salve o meu marido! Faça com que ele não esteja morto! Ô meu Deus, que será que ele teve? Ele sabe que não pode se exaltar! Sabe que não pode! *(Sai para a rua)* Alguém, aqui, por favor! *(Mudança de luz. Numa dolorosa e bela imagem do passado, Isaque e Rebeca, jovens, dançam com sensualidade e alegria o bolero "Canção da Eterna Despedida", de A.C. Jobim e Vinícius de Moraes, na voz de Orlando Silva)*

CENA 6

(Um ano depois. São onze horas da manhã. Rebeca, com um vestido estampado e meio despenteada, coloca flores numa jarra. Isaque entra numa cadeira de rodas, tronco nu, calça de terno e meias. Ao contrário da mulher, parece ter envelhecido muitos anos. Tem todo o lado direito do corpo paralisado)

Isaque - Afinal quando é que você

vai ver o que é que aquele diabo daquele leão quer comigo?

Rebeca - Ih, Isaque, você foi feito às pressas, hem? Eu já não disse que vou segunda-feira?

Isaque - E se for uma multa? Eu vou ter que vender a casa pra pagar!

Rebeca - Que vender casa o quê! Ih, você é dramático! Você algum dia sonou alguma coisa, Isaque?

Isaque - Soneguei porra nenhuma.

Rebeca - Você tem certeza de que foi só aquele grampeador que você roubou da mesa do seu supervisor?

Isaque - Vai falar nisso a vida toda?

Rebeca - Se algum dia você enterrou dinheiro no quintal, acho bom você.....

Isaque - Filha da puta! Como é que você tem coragem de dizer uma coisa dessas?

Rebeca - Calma, Isaque, você não me entendeu...Eu ficaria muito irritada era de você não ter me chamado pra ajudar.

Isaque - Nunca trouxe um lápis, um envelope, um rolo de papel higiênico da Agência!

Rebeca - Antes tivesse trazido: agora a gente não estava aqui nessa titica.

Isaque - Corrupta! Anã devassa!

Rebeca - Ah, antes fosse, meu filho. Eu não suporto ir nesses luga-

res...Uma gente tão antipática! É um inferno isso de você não prestar pra mais nada! Vê se reage também...Tanta gente que tem derrame e fica bom...

Isaque - Você é muito mais imprestável do que eu. Me veste! Anda logo! Corta o cabelo da minha narina e das orelhas....Tô parecendo um lobo!

Rebeca - Já vai!...Eu sou uma só!...*(Vestindo a camisa, tentando calçar as meias, o sapato, tudo ao mesmo tempo)*

Isaque - Calma, ejaculação precoce!

Rebeca - Agora é ele que pede calma...Nunca está satisfeito!

Isaque - Eu preferia ter morrido de uma vez.

Rebeca - Às vezes mais vale uma boa hora de morte mesmo. Desculpe, Isaque...Eu tô muito nervosa. Agora sou eu pra tudo. No tempo em que eu passava a noite acordada, me sentia menos cansada. Como dizia aquele samba, "Eu era feliz e não sabia".

Isaque - Pois eu ainda fico acordado a noite inteira...Não sei como você consegue dormir.

Rebeca - Agora nem que eu quisesse. Posso lá me preocupar com ladrão!

Isaque - Agora é pior do que antes:

eu não posso reagir. Ele faz o que quiser de mim e de você.

Rebeca - Eu até esqueci disso. Nunca mais se ouviu falar dele...

Isaque - Acaba de me vestir direito...As meias estão trocadas...

Rebeca (*Sem destrocar as meias, calça os sapatos no marido*) - Essa sua fisioterapia também vou te contar...Me atrasa toda. Tá vendo? Você nunca quis pagar um plano de saúde, agora tinha direito a uma coisa decente.

Isaque - Não quer ir, não vai! Me empurra ladeira abaixo, que eu vou sozinho.

Rebeca - Ih, Isaque, você tá tão sensível! Não se pode dizer nada...(Olha o relógio) Ainda é cedo...Quer que eu leia um pouco pra você?

Isaque - Você é que sabe!

Rebeca (*Pega a Bíblia*) - "O Nascimento de Isaque: visitou o Senhor à Sara como lhe dissera, e cumpriu o que lhe havia prometido. Sara concebeu e deu à luz um filho. Ao filho que lhe nasceu, que Sara lhe dera à luz, pôs Abraão o nome de Isaque. Isaque cresceu e foi desmamado. Abraão manda seu servo buscar uma mulher para Isaque. O encontro de Rebeca. O casamento de Isaque e Rebeca. Saira Isaque a meditar no campo, ao cair da tarde. Erguendo

os olhos, viu, e eis que vinham camelos..."

Isaque - Lê direito!

Rebeca - "Também Rebeca levantou os olhos e, vendo Isaque, apeou do cavalo e perguntou:..." (*Isaque demonstra com os braços que está com frio*)

Rebeca - Que foi, Isaque?

Isaque - Acho que estou com febre...Bota o termômetro!

Rebeca - Tá, depois eu boto. Agora deixa eu acabar de ler isso aqui. "Tinha Abraão cem anos, quando lhe nasceu Isaque, seu filho. E disse Sara: Deus me deu motivo de riso". Não foi aqui que eu parei...

Isaque - Me dá água! Anda! Me dá água!

Rebeca - "Então o servo saiu-lhe ao encontro e disse: Dá-me de beber um pouco da água do teu cântaro. Ela respondeu:"

Isaque - Me dá água, carcereira! Me dá um remédio pra febre, torturadora!

Rebeca - Que é, hem, Isaque? Olha como fala, hem? Não vou pegar remédio nenhum. Só se toma remédio pra febre depois de 38º. (*Bota a mão na testa dele*) Você não está com febre nenhuma! Quer que eu leia ou não quer?

Isaque - Ah, vai-te pra puta que te pariu! Anda logo! Vai se vestir!

(*Apontando o relógio*) Aí...tá quase na hora! Ainda nem se penteou, a maluca!

Rebeca - Agora eu vou acabar de ler, sim, que eu não sou palhaça! "...apeou do cavalo e perguntou ao servo: Quem é aquele homem que vem pelo campo ao nosso encontro?" (*Ouvem-se palmas fortes e insistentes no portão*)

Isaque - Não abre! Não abre! Pergunta quem é! Seja quem for, não abre!

Rebeca (*Para fora*) - Que é, hem? Não, senhor, não tenho não. Não, também não. Não. Infelizmente, também não.

Isaque - Não dá conversa. Fecha essa porta. Deve ser ele bancando o mendigo. Sai daí!

Rebeca - Não senhor, também não tenho não. Nós ainda nem almoçamos. Vamos comer alguma coisa na rua. É que eu tenho que levar meu marido no Hospital dos Servidores. Ah,é, é um inferno aquilo. Ah, conhece? O senhor também se trata lá? Também foi funcionário público? Ah, o seu pai! Tá...Passe outro dia. Que Deus também dê em triplo tudo o que o senhor está me desejando. Assim seja. Um bom dia pro senhor também. Com licença...(Fecha a porta, volta a sentar, pega o livro)

Rebeca - "Quem é aquele homem que vem pelo campo ao nosso encontro?"

Isaque - Quem era? O que ele queria?

Rebeca - Um velho pedindo roupa, comida.

Isaque - Você mandou passar outro dia, que eu ouvi.

Rebeca - "Quinta praga: peste nos animais. Sexta praga: úlceras. Sétima praga: chuva de pedras. Oitava praga: gafanhotos. Nona praga: trevas. Décima praga: morte dos primogênitos".

Isaque - Amanhã tem um bando de mendigo de cueca aqui na porta pedindo pra tomar banho!

Rebeca - Pode deixar que eu digo que não tem água também.

Isaque - Não entra na tua cabeça que se alguém entrar aqui faz o que quiser de mim e de você, que eu não posso lutar nem com um gafanhoto?

Rebeca - Já sei, já sei que você não serve pra mais nada, que se algum marginal entrar aqui, te bate e te cospe na cara, me enraba, quebra e mata... Já sei! Já estou farta de saber! E daí? Por causa disso e das dez pragas eu não abro mais a porta, não saio mais de casa, não atravesso a rua porque posso ser atropelada? Ah, vê se toma jeito, Isaque! Tá todo podre, bichado e deramado, um inútil vegetando, e ainda não aprendeu nada com a vida?

Isaque - Que culpa eu tenho se você é uma lagarta que nunca conseguiu se transformar em borboleta? *(Ouvem-se raios, relâmpagos e trovões. Um vento fortíssimo escancara e faz bater as janelas e voar cortinas. Rebeca ajeita o que pode, agasalha Isaque)*

Rebeca - Credo! Parece que o mundo vai acabar!

Isaque - Era bom que acabasse mesmo. *(Rebeca pega o livro, mas agora lê como para adormecer um filho. O relógio começa a emitir a Sonata ao Luar completa)*

Rebeca - "Chamaram, pois, a Rebeca e lhe perguntaram: Queres ir com este homem? Ela respondeu: Irei. O Altar do Incenso: Farás também um altar para queimares nele o incenso: de madeira de acácia o farás. Arão queimará sobre ele o incenso aromático; cada manhã, quando preparar as lâmpadas, o queimará. Quando ao crepúsculo da tarde, acender as lâmpadas, o queimará. Será incenso contínuo perante o Senhor pelas vossas gerações". *(A fúria do vento aumenta, as luzes se apagam. A cena fica escura e são vistos apenas os três retratos na parede, como que iluminados pela lua ou pela luz da rua. Nova rajada de vento escancara de novo a janela, faz voar a cortina e ouve-se o som do relógio que*

cai no chão e se quebra) O que é isso, Isaque?

(Ao som de "Canon", de Johann Pachelbel, um vulto com uma estranha maquiagem e uma capa negra de fundo branco, salta da janela e cerca o casal, fazendo o tempo todo o sinal característico de "Silêncio!". Coloca Rebeca sentada no colo de Isaque, pega na fruteira um caju e uma banana artificiais e enfia na boca de cada um. Tira a capa e coloca-a, com o fundo branco, sobre os ombros de Isaque e Rebeca. Retira o caju e a banana, une as bocas de Isaque e Rebeca num beijo cinematográfico. Depois, vai-se afastando de costas e aponta para o casal um objeto que parece um fuzil ou uma espingarda, mas na verdade é um guarda-chuva branco que se abre. Coloca o guarda-chuva aberto na mão sadia de Isaque. A luz fica só em cima do casal. Ele desaparece. Após um tempo, Rebeca e Isaque começam a movimentar-se lenta e cuidadosamente)

Isaque - O que é isso, Rebeca?

Rebeca - Eu não entendi. Mas estou pensando.

Isaque - Nós não estamos mortos, estamos?

Rebeca - Não. Seu coração está batendo bem forte, Isaque, como quando você me encostava naquele muro lá de casa.

Isaque - Você era muito gostosa, Rebeca...

Rebeca - É, eu era muito gostosa, sim...E tinha um corpo lindo, e me vestia muito bem...E tinha uma personalidade marcante...

Isaque - Você dizia que eu parecia com o Paul Newmann...

Rebeca - Com quem?

Isaque - Paul Newmann...

Rebeca - É, lembrava um pouco, sim. E eu era a cara da Rita Hayworth. Mas nós temos que pensar é no que esse homem quis dizer com tudo isso, Isaque.

Isaque - Não quero saber disso. Quero me lembrar como eu era antes de virar sapo.

Rebeca - Você era lindo. Você era gentil. Você era um príncipe, Isaque.

Isaque - E você era uma princesa, Rebeca.

Rebeca - É, eu era uma princesa que queria se transformar em borboleta. *(Ela estende a mão para ele, como uma dama para ser beijada por um cavalheiro. Ele vem em sua direção na cadeira. Beija a mão dela. Ela senta no colo dele. Rodam ao som de "Valsinha", de Vinícius de Moraes e Chico Buarque, enquanto é projetada a foto do casamento dos dois no céu cenográfico e depois na cortina)*

• FIM •



TEXTOS À DISPOSIÇÃO DOS LEITORES
NA SECRETARIA D'O TABLADO

Anouilh, J. - *O Baile dos Ladrões*, comédia, 1 ato, 17 personagens (4 f. e 13 m.), nº 134.

Arrabal, F. - *Oração*, Teatro do Absurdo, 1 ato, 2 personagens (1 m e 1 f.), nº 150.

Aumillier, R. - *O Tigre, o Homem e o Rato*, fábula cômica, 1 ato, 3 personagens m., nº 142.

Azevedo, A. - *Teatro a Vapor*, comédia, 31 esquetes, 100 personagens (33 f. e 67 m.) e figurantes, nº 140.

Beckett, S. - *Coisas e Loisas*, Teatro do Absurdo, 2 atos, 2 personagens m. e 1 figurante, nº 115; *Todos os que Caem*, peça radifônica, Teatro do Absurdo, 1 ato, 11 personagens (4 f. e 7 m.), nº 121.

Bethencourt, J. - *Planejamento Familiar - A Solução Brasileira*, comédia, 1 ato, 3 personagens (1 f. e 2 m.), nº 109.

Bradford, B. - *Ensaio*, comédia dramática, 1 ato, 1 personagem m., nº 126.

Brecht, B. - *A Expulsão do Demônio*, drama, 1 ato, 4 personagens (2 f. e 2 m.), nº 109; *A Mulher Judia*, drama, 1 ato, 2 personagens (1 f. e 1 m.), nº 119.

Buzzati, D. - *Aquele Instante*, Teatro do Absurdo, 9 esquetes, 38 personagens (13 f. e 25 m.), nº 122.

Cabrujas, J. I. - *El Dia Que Me Quieras*, comédia dramática, 2 atos, 7 personagens (4 m. e 3 f.), nº 158.

Cocteau, J. - *A Voz Humana*, drama, 1 ato, 2 personagens (1 f. e 1 m.); *O Mentiroso*, drama, 1 ato, 1 personagem m., nº 126; *O Belo Indiferente*, drama, 1 ato, 2 personagens (1 f. e 1 m.), nº 140.

Collier, J. - *Poção*, comédia, 1 ato, 2 personagens m., nº 114.

Coutinho, P. C. - *Um Piano à Luz da Lua*, drama, 2 atos, 9 personagens (4 f. e 5 m.), nº 141.

Dostoievski, F. - *O Grande Inquisidor*, drama, 1 ato, 2 personagens m., nº 114.

Eurípedes - *Tróia*, drama, 1 ato, 6 personagens (5 f. e 1 m.), nº 139.

Ferraz, B. - *Poleiro dos Anjos*, comédia, 1 ato, 13 personagens (6 f. e 7 m.), nº 146.

Fischer, L. - *Anaiug*, drama, 1 ato, 12

- cenar, grande elenco, nº 155; *Tese*, comédia, esquete, 5 personagens (4 m. e 1 f.), nº 159; *Ciúme*, comédia, esquete, 8 personagens (4 m. e 4 f.), nº 160.
- Fonseca, R.** - *H. M. S. Cormorant em Paranaguá*, drama, 1 ato, 9 personagens (2 f. e 7 m.) e figurantes, nº 128; *Lúcia McCartney*, drama, 1 ato, 12 personagens (7 f. e 5 m.) e figurantes, nº 145.
- Foreman, R.** - *Minha Cabeça Era Uma Marreta*, Teatro do Absurdo, 1 ato, 3 personagens (2 m. e 1 f.), nº 153.
- França Jr.** - *Como se Fazia um Deputado*, comédia, 3 atos, 15 personagens (2 f. e 13 m.) e figurantes, nº 136.
- Fucs, R.** - *A Dentista e seu Paciente*, comédia, 1 ato, 2 personagens (1 f. e 1 m.); *Amor, Sexo e Esclerose*, comédia, 1 ato, 3 personagens (1 f. e 3 m.), nº 132; *Vida Longa*, comédia, 1 ato, 5 personagens (3 f., 2 m. e alguns figurantes), nº 156.
- Gibson, W.** - *Dois na Gangorra*, drama, 2 atos, 2 personagens (1 f. e 1 m.), nº 123.
- Gogol** - *O Matrimônio*, comédia, 2 atos, 15 personagens (6 f. e 9 m.), nº 112; *O Inspetor Geral*, comédia, 1 ato, 18 personagens (4 f. e 14 m.), nº 135.
- Guerdon, D.** - *A Lavanderia*, drama, 3 atos, 6 personagens (3 f. e 3 m.), nºs 110 / 111.
- Hasec, J.** - *O Bravo Soldado Schweik*, comédia, 1 ato, 38 personagens (7 f. e 31 m.), nº 142.
- Hofstetter, R.** - *Pirandello Nunca Mais*, comédia, 1 ato, 5 personagens (1 f. e 4 m.), nº 137.
- Homero.** - *A Odisséia*, drama heróico, 3 atos, 67 personagens (11 f. e 56 m.) e figurantes, nº 116.
- Inge, W.** - *Tarde Chuvosa*, drama, 1 ato, 3 personagens (2 f. e 1 m.), nº 117.
- Ives, D.** - *Palavras, Palavras, Palavras*, Teatro do Absurdo, 1 ato, 3 personagens (3 m.); *Filadélfia*, Teatro do Absurdo, 1 ato, 3 personagens (2 m. e 1 f.); *Com Certeza*, Teatro do Absurdo, 2 personagens (1 m. e 1 f.), nº 150; *Variações Sobre a Morte de Trotsky*, Teatro do Absurdo, 3 personagens (2 m. e 1 f.), nº 152.
- Jablonski, B.** - *A Claudinha Está Lá Fora*, comédia, 1 ato, 2 personagens (1 f. e 1 m.), nº 131.
- Kartun, M.** - *A Casa dos Velhos*, comédia dramática, 1 ato, 7 personagens (4 f. e 3 m.), nº 114.
- Lorde, A.** - *O Sistema do Doutor Goudron e do Professor Plume*, drama, 1 ato, 11 personagens (2 f. e 9 m.), nº 112.
- Machado, M. C.** - *Esquetes*, comédia, 57 personagens (44 f. e 13 m.), nº 131.
- Maeterlinck, M.** - *Interior*, drama, 1 ato, 9 personagens (4 f. e 5 m.) e figurantes, nº 119.
- Mahieu, R.** - *Jogos na Hora da Sesta*, drama, 1 ato, 8 personagens (3 f. e 5 m.), nº 147.
- Marivaux.** - *O Jogo do Amor e do Aca-so*, comédia, 3 atos, 7 personagens (2 fe. e 5 ma.), nº 127.
- Marx, G.** - *Seleção de Esquetes Cômicos*, 4 personagens (1 f. e 3 m.), nº 113; *Lição de Etiqueta*, comédia, 1 ato, 1 ator, nº 116.
- Molière.** - *Médico à Força*, comédia, 3 atos, 11 personagens (3 f. e 8 m.), nº 108.
- Müller, H.** - *O Pai*, drama, 1 ato, 1 ator; *Libertação de Prometeu*, drama, 1 ato, 1 ator, nº 147.
- Musset, A.** - *Fantasio*, comédia, 2 atos, 10 personagens (8 m. e 2 f.) e outros, nº 104.
- Navarro, A. R.** - *O Ser Sepulto*, Teatro do Absurdo, 1 ato, 5 personagens (2 f. e 3 m.), nº 114.
- Nunes, A.** - *Geração Trianon*, comédia, 2 atos, 28 personagens (9 f. e 19 m.), nº 117.
- O'Casey, S.** - *Uma Libra em Dinheiro Vivo*, comédia, 1 ato, 5 personagens (2 f. e 3 m.), nº 124.
- Oliveira, D.** - *O Triunfo da Razão*, sátira, 1 ato, 21 cenas, grande elenco, nº 99; *Do fundo do Lago Escuro*, dra-

- ma, 3 atos, 10 personagens (6 m. e 4 f.), nº 154.
- Palatinik, E.** - *A Paranóica e Mestre Pierre*, comédia, monólogo, (1f.), nº 150.
- Patrick, R.** - *Renda de Amor*, comédia dramática, 1 ato, 2 personagens (1 f. e 1 m.), nº 113.
- Pereira, V.** - *Colar de Diamantes*, tragicomédia, 2 atos, 4 personagens (3 f. e 1 m.), nº 133.
- Pinter, H.** - *Seleção de Esquetes*, Teatro do Absurdo, 15 personagens (6 f. e 9 m.), nº 120.
- Pirandello, L.** - *Belavida*, comédia, 1 ato, 6 personagens (5 m. e 1 f.), nº 99.
- Plauto.** - *Os Menecmos*, comédia, 5 atos, 9 personagens (3 f. e 6 m.) e figurantes, nº 111.
- Renard, J.** - *Pega Fogo*, drama, 1 ato, 4 personagens (2 f. e 2 m.), nº 109.
- Rio, J. do** - *Clotilde*, drama, 1 ato, 3 personagens (1 f. e 2 m.); *Encontro*, drama, 1 ato, 2 personagens (1 f. e 1 m.) e *Que Pena Ser Só Ladrão*, farsa, 1 ato, 2 personagens (1 f. e 1 m.), nº 143.
- Santiago, T.** - *O Auto do Rei*, Teatro Épico, 1 ato, 12 personagens (1 f. e 11 m.), nº 106.
- Sayão, W.** - *Uma Casa Brasileira Com Certeza*, comédia, 1 ato, 6 personagens (3 f. e 3 m.), nº 129; *Anônima*, drama, 1 ato, 7 personagens (4 m. e 3 f.), nº 152.
- Semprun, M. C.** - *O Homem Deitado*, drama, 1 ato, 7 personagens (2 f. e 5 m.), nº 144.
- Shakespeare, W.** - *Macbeth*, tragédia, 5 atos, 30 personagens (6 f. e 24 m.) e figurantes, nº 115; *Uma peça como você gosta (As you like it)*, comédia, 5 atos, 21 personagens (17 m. e 4 f.), nº 107.
- Shaw, G. B.** - *As Armas e o Homem*, comédia, 3 atos, 9 personagens (3 f. e 6 m.) e figurantes, nº 148.
- Silva, F.P.** - *O Caso do Chapéu*, comédia, 1 ato, 4 personagens (2 f. e 2 m.), nº 150.
- Tannen, D.** - *Um Ato de Devoção*, drama, 1 ato, 2 personagens (1 f. e 1 m.), nº 159
- Tardieu, J.** - *Uma Peça Por Outra*, Teatro do Absurdo, 2 atos, 42 personagens (15 f. e 27 m.), nº 118; *Quem Vem Lá?*, Teatro do Absurdo, 1 ato, 5 personagens (2 f. e 3 m.), nº 148.
- Tchecov, A.** - *Sobre os Males que o Fumo Produz*, comédia dramática, 1 ato, monólogo, 1 personagem ma., nº 128; *Um Papel Trágico*, comédia, 1 ato, 2 atores, nº 157.
- Trotta, R.** - *O Malfeitor*, drama, 1 ato, 2 personagens (1 m e 1 F.), nº 150.
- Valentim, K.** - *Seleção de Esquetes Cômicos*, 25 personagens (8 f. e 17 m.), nº 113; *O Pé de Árvore de Natal*, comédia, 1 ato, 5 personagens (2 f. e 3 m.) e figurantes, nº 118.
- Vian, B.** - *Cinemassacre*, Teatro do Absurdo, 1 ato, 54 personagens (9 f. e 45 m.) e figurantes; *Olhar Cruzado*, Teatro do Absurdo, 1 ato, 6 personagens (1 f. e 5 m.) nº 130.
- Vianna Fº, O.** - *O Morto do Encantado Morre e Pede Passagem*, comédia, 1 ato, 11 personagens (4 f. e 7 m.), nº 138.
- Vicente, J.** - *Hoje é Dia de Rock*, saga lírica, 1 ato, 13 personagens (6 f. e 7 m.), nº 119.
- Vogestein, C.** - *Encontro com um estranho*, comédia dramática, 1 ato, 3 personagens (2 m. e 1 f.), nº 160.
- Wilder, T.** - *Infância*, comédia, 1 ato, 5 personagens (3 f. e 2 m.), nº 121.
- Wojtyla, K.** - *A Loja do Ourives*, drama, 3 atos, 6 personagens (3 m. e 3 f.), nº 125.



Atividades d'O Tablado

Cursos de Improvisação

Andreia Fernandes
Aracy M. Mourthé
Bernardo Jablonski
Bia Junqueira
Cico Caseira
Dina Moscovici
Fernando Becky
Guida Vianna
Isabella Secchin
João Brandão
Lionel Fischer
Luiz Carlos Tourinho
Luiz Octávio de Moraes
Maria Clara Machado
Maria Clara Mourthé
Maria Vorhees
Ricardo Kosovski
Thais Balloni

Agradecemos a colaboração do curso de Tradução do Departamento de Letras da PUC-Rio

Estas publicações poderão ser pedidas à Secretaria d'O Tablado, mediante pagamento com cheque, em nome de Eddy Rezende Nunes – O Tablado, pagável no Rio de Janeiro. Em caso de vale postal, o mesmo deverá ser remetido à agência dos correios do Jardim Botânico – RJ, sempre em nome de Eddy Cintra de Rezende Nunes. Números atrasados podem ser adquiridos da mesma forma, pelo preço atual.

Publicação:

Revista "Cadernos de teatro"
assinatura (4 n^{os}).....R\$ 20,00

Impresso pela
Gráfica Editora do Livro Ltda.